

ILUSTRAÇÃO



As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—DA TERRA À LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—A RODA DA LUA, 1 vol.
- 3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo.* 1 vol.
- 6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.
- 7—AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES, 1 vol.
- 8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul.* 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional.* 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico.* 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas.* 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar.* 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar.* 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado.* 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segredo da ilha.* 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar.* 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão.* 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860.* 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante.* 1 vol.
- 21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.
- 22—AS INDIAS NEGRAS, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico.* 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa.* 1 vol.
- 25—O DOUTOR OX, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal.* 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África.* 1 vol.
- 28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.
- 29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.
- 30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante.* 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada.* 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível.* 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação.* 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
- 41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.
- 42—O RAIOS VERDE, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari.*
- 44—2.ª parte—*O regresso.* 1 vol.
- 45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol.
- 46—OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio.* 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux.* 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente.* 1 vol.
- 50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.
- 51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.
- 52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar.* 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FERIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida.* 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil.* 1 vol.
- FAMILIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor.* 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan.* 1 vol.
- 60—FORA DOS EIXOS, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente.* 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo.* 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos.* 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe.* 1 vol.
- 65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol.
- 66—EM FRENTE DA BANDEIRA
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões.* 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.
- 69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro.* 1 vol.
- 72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel.* 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor.* 1 vol.
- 75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.
- 76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.º vol.
- 77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.º vol.
- 78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol.
- 79—O FAROL DO CABO DO MUNDO, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



Porquê?

Não ha razão para suportar resignadamente essa terrivel dôr de dentes! Com um ou dois comprimidos de Cafiaspirina verá que pronto alivio. E nenhum mal fará ao seu organismo.



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-DRASH. - Rua da Alegria, 100 - Lisboa

FREÇOS DE ASSINATURA

| | MESES | | |
|--------------------------------------|--------|--------|---------|
| | 3 | 6 | 12 |
| Portugal continental e insular | 30\$00 | 60\$00 | 120\$00 |
| (Registada) | 32\$40 | 64\$80 | 129\$60 |
| Ultramar Português | — | 64\$50 | 129\$00 |
| (Registada) | — | 69\$00 | 138\$00 |
| Espania e suas colónias | — | 63\$00 | 126\$00 |
| (Registada) | — | 67\$50 | 135\$00 |
| Brasil | — | 66\$00 | 132\$00 |
| (Registada) | — | 75\$00 | 150\$00 |
| Outros países | — | 75\$00 | 150\$00 |
| (Registada) | — | 84\$00 | 168\$00 |

Administração - Rua Anchieta, 51, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Experimentei mui-
tos insectidas mas

Só
FLIT
me
convem ...



É a maneira mais fácil que
encontrei de matar todos
os incómodos insectos

Demónios de moscas e mosquitos! ... o seu
único recurso é matar todos os que entra-
rem em sua casa. Faça-o com o poderoso
FLIT pulverisado que matará todos os ter-
riveis insectos sendo, todavia, inofensivo
para o homem. Não mancha. O FLIT é
vendido **unicamente** nas latas amarelas
seladas, com o soldado e a barra preta
e, nunca de outra forma.



FLIT

Representantes Exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias
ESTABELECIMENTOS JERONIMO MARTINS & FILHO
13, Rua Garrett, 23 - LISBOA

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu valor incontestável está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO *Dr. A. LORAND*

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilha

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslováquia, Espanha, Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Itália, Suécia, França

INDICE:

CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroidea, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroidea sustentada por uma hygiene bem compreendida.—III. Hygiene do figado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra-renais. Causas e tratamento de arterioesclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre chronica.—VI. Hygiene do intestino.—VII. Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doenças dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV—Hygiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a hygiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos—IV. Meios de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar.—III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI—Hygiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a hygiene alimentar.—II. Alimentação carnea. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens dum alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do appetite. Vantagens dum boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a ele.

CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Hygiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insonia.

CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Hygiene sexual. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX—Hygiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doença não é mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intelectual intenso.

CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

O MAIS COMPLETO EXITO — O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

I volume de 244 páginas Esc. 10\$00

Pelo correio á cobrança Esc. 11\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Eu uso porque o chapéu é o tópete de cada personalidade



Chapéu sobre os olhos é prestígio



A banda convicções



Conceba agora um ministro de carapuço



Ou um saloio de claque



Ou ainda uma autoridade de mantilha à hespanhola

CHAPÉU



Até Minerva - símbolo do Destino - usou penante.



Nem as republicas o dispensam nem, ao léo, se identificam os imperios



-Homem, na propria linguaagem, ele é indispensavel



Nã obras de se lhe tirar o chapéu...



e assembléas em que, pelo contrario, ele e muito de se pôr



-Tenho dito

1933

Grande sucesso literário

2.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
 encadernado 14\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75
 LISBOA

À venda a 3.ª edição

PÁGINAS DE SANGUE

por SOUSA COSTA

Brandões, Marçais & C.ª

Com uma carta zincografada de JOÃO BRANDÃO

SUMARIO

O Terror Negro.— A Beira miguealista.— A queima da pólvora.— O Terror Vermelho.— Manuel Brandão-o-Velho.— Convênio de Gavinhos.— A Guerrilha dos «Garranos».— O «Boi de Coja».— Figos coroados.— As murças dos senhores cônegos.— O «Russo».— O forte de S. Paio.— Montaria aos «Garranos».— O cura de Fajão.— O abade de Guardão.— Na feira dos Carvalhais.— Os lobos no fojo.— O Espadagão.— Terror cabralista.— João Brandão.— O juiz de Midões.— Batalhão de S. João das Areias em Viseu.— A guerrilha dos Marçais.— Assalto à Pesqueira.— Tragedia ao sol do Senhor.— A sentença de Apocalipse.— O Ferreiro da Várzea.— Morra Spartaco.— Peregrinação a Viseu.— As feiras de Pinhel.— Odio velho.— As endoenças de Avô.— Padre Portugal.— A cabeça do Holofernes.— A Beira de hoje.— Carta de João Brandão.— Reprodução da carta anterior.— Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Para as senhoras a quem os maridos pedem o pequeno almoço a correr...

Quando os maridos têm o hábito de tomarem o seu pequeno almoço a correr, é conveniente que este seja de fácil digestão.

Se há realmente pressa, a melhor coisa a fazer é dar-lhes **KELLOGG'S Corn Flakes**. Estes flocos, feitos da melhor e mais nutritiva parte do milho, são um dos alimentos mais facilmente digestivos, e pela sua apresentação e sabor combatem a mais renitente falta de apetite.

Além disso é um alimento prático. Não é necessário cozinhar. E' só deitar do pacote para o prato e juntar-lhes leite ou nata, e apucar, se assim se desejar.

Agrada tanto a novos como a pessoas idosas, e tem a sustentancia suficiente para um almoço que tem de ser servido com rapidez.

Peça em todas as boas casas o pacote verde e vermelho.



Kellogg's

CORN FLAKES

AGENTES E DEPOSITARIOS EM PORTUGAL:

FIGUEIRA & ALMEIDA — Rua da Madalena, 88-Lisboa

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Conversão de quilates em milésimos

por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de

CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos *para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata*

1 volume de 300 páginas, brochado 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GENERAL ELECTRIC

Refrigerator



O modelo GE-HT-70

Apresenta a última palavra
em frigoríficos electricos

Todos os aperfeiçoamentos.

- Novas prateleiras deslisadoras.
- Pedal para abrir a porta automaticamente.
- O interior ilumina assim que a porta abre.
- Maior capacidade de produção de gelo.
- Novo control automático com maior escala de temperaturas.
- Novo formato de linhas modernas do famoso "Monitor Top" onde se acha encerrado hermeticamente todo o mecanismo.

O modelo HT 70 é vendido com
uma garantia de 4 anos da marca



*A marca de qualidade
em aparelhos electricos*

*Concessionario geral para Portugal e Colonias
Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.^{da}
Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, Dt.º — LISBOA — Telef. 2 5347*

Em exposição e venda na
Antiga casa José Alexandre — Rua Garrett, 8 a 18

Crónica da Quinzena

POR fim arranjaram maneira de prolongar por mais um mês a tertúlia de Londres.

Seria de facto muito desigual que os Económicos restringissem a vilegiatura a quatro semanas, quando os Desarmadores, nas suas barbas, se mimosearam já com ano e dia.

Poderá dizer-se que um mês em Londres vale por sete em Genebra. Não colhe.

Os princípios do sapateiro de Braga começam a penetrar nos costumes internacionais, dentro do acôrdo, também entre nós consolidado, de que sómente vigore a primeira perna do dilema. Daí esperar-se que por todo o corrente Julho venha a decidir-se, quando e aonde prosseguirá a laboração intensiva da Fábrica de Felicidade Universal, montada por êsse Mac Donald, pouco a pouco revelado, nos seus inventos, como um dos ingleses mais originais da nossa época.

Por agora há a registar a proroga de data, para fecho provisório, até á entrada da canícula, o que substitui o anúncio do fecho definitivo, ou morte, pelo S. João. E, vamos, desta vez teremos de comprazer-nos com o prolongamento, depois de verificado o bomproveito colhido nas últimas semanas suplementares. Forçoso é reconhecer que á esterilidade do começo se segue um afan produtivo dos que merecem ficar na crónica.

Baste-nos o emitido por aquela voz sábia e inspirada que anunciou ao mundo uma verdade tão transparente, como incontestável, das raras aparecidas nas assembleias universais, logo aceites e aprovadas unanimemente. Foi a que proclamou a revelação concisa e profunda, a par das do Sinai, asseverando que o «vinho só embebeda quando tomado em excesso».

Veuu pelos arames e pela Rádio e quantos a escutaram disseram como os de Israel «bemdito ventre que te gerou», o mesmo é repetir «venturoso o país que lá te mandou e te pagou o verbo por preço superior ao de um litro de Buce-las branco,

Ainda bem.

Depois de inteirados do bom rendimento desta segunda via da Conferência ninguém mais duvidou da vantagem de

prolongar aquela, a outra, e todas as que lembrem à G. A. I. T. A. ou Grande Associação Internacional de Turismo Alegre, ora reunida na Suíça, ora em Itália, França, Inglaterra, Holanda.

A Portugal é que o demónio da suciata ainda não escolheu como pouso do pique-nique.

Aproxima-se talvez o momento de protestar. Tão boas sombras que possuímos, tão bons vinhos e manjares, estarmos indefinidamente condenados a enviar queixos e virtualhas à mesa alheia, não parece bem.

Quando será que os donos da adega e do talho, fornecedores dos convivas se aborrecem de pagar festas a que nem sequer ouvem os foguetes, ou as erutações?

O ser-se pequeno e fraco, deveria bastar para decidir-nos à recusa de continuar em barafundas inúteis, em representações donde se sabe não vir nenhum proveito. Teme-se talvez que a falta sirva para tratar-nos como não existentes. É uma razão. Dêste modo, quer queiramos, quer não, continuaremos a colaborar na comédia mais hipócrita e indecorosa, jamais inventada para fazer pouco da inteligência dos povos.

Há só um recurso. Reduzir ao mínimo possível o número de talheres abancados por nossa conta e risco.

Apareceu em Lisboa nesta quinzena uma novidade que conta perto de meio século de existência. É um divertimento que deu a volta ao mundo umas poucas de vezes e sempre se esqueceu de aquietar à beira do Tejo. Chamam-lhe Luna-Parque, nome que usou por Séca e Méca, onde se ofereceu ao gáudio da mocidade.

Fôsse por temor de que o lisboeta, com fama de bisonho, parado, triste, não se decidisse a foliar com as rodas, rodízios, escorregadouros, trancos e barrancos aparelhados para promover o vascolêjo da fressura e tripa; ou por os empresários ignorarem o pormenor de geografia que marca uma cidade populosa no extremo ocidental da Europa; caso é que até esta data memorável de Julho de 33 nunca ao inditoso jovem, morador na cidade das Sete Colinas, se ofereceu aquele gôso

de escorregar, cair, atropelar e ser atropelado, tudo a fingir.

Pois aconteceu o que constitui surpresa para o viajado, apedantado, regularmente desmiolado, sempre disposto a baforejar que «isto é uma raça única, sem paridade no universo». Viu-se que o jovem português, reagiu como os outros bípedes europeus e americanos. Mostraram-lhe o brinquedo, saltou dentro, correu, gritou, riu, folgou, tal qual como os que falam alemão, americano, ou francês.

O facto surpreenderá os tolos porque aos de tino aparece como bem natural. A mocidade e a saúde despertam alegria no homem, no gato, no borrego, no jumento, em tôdas as espécies, em qualquer latitude.

Se o ribeirinho do Tejo se mostra diferente, procuremos a causa na falta de elementos excitantes que lhe provoquem a explosão.

Apresentaram-lhe o Luna Parque, e o moço português logo provou ser um animal como os outros. Isto basta para indicar ao viajado que a falta de agora e de sempre se fixa e resume num vício de educação, nunca em defeito de raça, de temperamento, ou qualquer coisa de constitucional.

O pequeno facto serve também para convencer de que a nossa gente, a nossa cidade, o nosso país mudará a feição triste, massadora, embiocada no dia em que uma soma de vontades fortes se congregate e decida transformar a aparência semsaborona que revelamos aos estranhos e a nós mesmos, uns aos outros. Para consegui-lo teremos de pôr em movimento ideias, pessoas, coisas e loisas que se acham paradas, num quietismo aborrecido e estúpido que faz lembrar vida e hábitos de convento.

Quando se sentirá essa guinada com força para dar, ao colectivo, rumo diferente, aparência diversa?

Mais uma vez se reconhecerá que o defeito não mete raiz no sangue ou na raça. Acha-se todo nos que a conduzem. A culpa é de quem comanda, não de quem obedece. É dos pais e não dos filhos.

Dá muito gôsto vêr a alegria da mocidade portuguesa no folguedo do Luna Parque.

Samuel Maia.

O mais remoto ascendente, que se conhece, de Alexandre Herculano, foi Pedro Francisco, que vivia no alvorecer do século xviii em S. Vicente de Alcábaldeche, termo da vila de Cascais, tendo ali casado com Vicência Foz, sua patriciã.

Tanto um como outro eram pobres e desta união houve um filho, António Francisco, baptizado na mesma freguesia, aos 4 de novembro de 1629 e que casou, em Caparide, com Maria Luís, filha de Pedro Jorge e de Maria Luís modestos lavradores daquelas localidades.

Sabe-se que António Francisco exerceu o ofício de sapateiro, e foi residir para aquela localidade logo após o seu casamento. Teve de sua mulher dois filhos: Manuel Francisco e Maria Luís.

Do primeiro, apenas se averiguou que foi o pai de Francisca Maria, consorciada com José da Silva Azevedo, «ourives do ouro e familiar do Santo Offício» e que possuía um estabelecimento na rua de S. Julião, desta cidade de Lisboa.

Maria Luís casou-se nas Mercês com João Francisco, ali nascido, baptizado e morador. Devido à sua enorme estatura, era conhecido pela alcunha de *Longo* que facilmente se propagou. O sítio onde elle residiu, ao cimo da rua Formosa, ainda hoje conserva o nome do *Alto do Longo*. Como se verá, João Francisco foi o quarto avô materno de Alexandre Herculano.

Maria Luís teve uma filha, baptizada nas Mercês no último dia de maio de 1670, com o nome de Joana do Espírito Santo e que veio a casar-se, na mesma igreja, em 27 de dezembro de 1698, com João Rodrigues, natural de Runa, termo de Torres Vedras.

Este era filho de Martinho Annes, de S. Miguel do Pinheiro, comarca de Mértola, e de Luisa Rodrigues, nascida em Monte de Rei, próximo de Runa. Tiveram dois filhos: Maria Quitéria, que recebeu o batismo na Encarnação aos 10 de setembro de 1713 e que se consorciou nas Mercês em 7 de fevereiro de 1741 com António Rodrigues Gil, e um rapaz a quem deram o nome de Caetano Tomás, baptizado nas Mercês em 20 de janeiro de 1700, que a rendeu o ofício de pedreiro — em que foi perito — indo para Mafra trabalhar nas obras do Convento.

Ali frequentou a Escola de Architectura, apaixonando-se pela arte a que se dedicava. Mais se sabe, que casou naquela vila com Maria Rosa, natural de Bucelas, em 22 de setembro de 1726, na igreja de S. Santo André.

Era Maria Rosa filha de João de Sousa e de Mariana de Faria, lavradores em Bucelas, e seus avós paternos Francisco Nunes e Maria de Sousa, também lavradores, mas em Alverca. Os seus avós maternos foram Bartolomeu de Faria e Isabel Soares, nascidos na freguesia de Nossa Senhora da Purificação de Bucelas, onde em 26 de abril de 1708 foi baptizada a noiva de Caetano Tomás, o qual permanecia ainda em Mafra em 1732, pois nesse ano ali baptizou um filho.

A fim de se poder avaliar a independência de carácter deste pedreiro, narraremos o seguinte episódio, que João Maria Galhardo contou a Matos Sequeira: «Indo a Mafra D. João V e falando a Caetano Tomás a quem naturalmente indicaram como um dos mais inteligentes frequentadores da escola de architectura, este aproveitou a ocasião para, desassombradamente, mostrar ao rei o seu descontentamento por se ver ali constrangido a trabalhar contra vontade, dizendo-lhe mais que os artistas não se arrebanhavam assim, nem se obrigavam como facinoras a trabalhos força-



Os antepassados de Alexandre Herculano

dos. Diz a tradição que o rei ouviu e passou».

Caetano Tomás teve de sua mulher três filhos: *Caetana Rosa*, baptizada em Mafra aos 14 de janeiro de 1731 e que casou em Lisboa, nas Mercês, em 24 de julho de 1751 com António Rodrigues Gil, já viúvo de sua tia paterna Maria Quitéria, *Manuel Caetano de Sousa*, nascido em Mafra e ali baptizado no dia 18 de fevereiro de 1742. Seu pai ensinou-lhe os primeiros rudimentos de architectura, seguiu estudos e mais tarde succedeu a Mateus Vicente, no lugar de architecto do Infantado, e a Reinaldo, no de architecto das Obras Públicas.

Foi familiar do Santo Offício, cavaleiro do hábito de Aviz e sargento-mor de infantaria, em serviço no Real Corpo de Engenheiros.

A capela da Bemposta, a torre da Ajuda e a igreja da Encarnação são obras suas. Todas se ressentem possivelmente de uma certa falta de gosto, que aliás era da época.

O palácio Palmela é também da autoria de Manuel Caetano, que ali habitava nas sobre-lojas

quando faleceu em 1802, vítima de uma congestão cerebral.

O honrado architecto consorciara-se com sua prima direita Mariana Joaquina Angélica de Sousa, filha de João de Sousa e de ebastiana Teresa de Assunção, natural de Colares. Desta união houve dois filhos, porém, apenas é conhecida a vida de um, Francisco António de Sousa, que succedeu a seu pai e que, como elle, era também architecto. Foi cavaleiro da Ordem de Cristo e coronel de engenheiros. Preso como conspirador em 1817, esteve degradado em Angola durante alguns anos. Quando regressou ao reino, reclamou o seu palácio do Rato, que tinha sido confiscado com todos os seus bens. Como era natural esta reclamação jámais foi atendida.

Resta-nos falar da última filha de Caetano Tomás. Referimo-nos a *Genoveva dos Anjos Alexandrina*, baptizada em Lisboa, na igreja das Mercês, aos 11 de abril de 1746 e que casou com o capitão Jorge Rodrigues de Carvalho, igualmente lisboeta, viúvo de Maria de Jesus Coelho.

Se dermos crédito ao padre João Baptista de Castro, Jorge Rodrigues era mestre das Reais Obras e familiar do Santo Offício.

Foram seus pais Francisco Rodrigues de Carvalho, também mestre-pedreiro, natural da freguesia de Frião de Baixo, termo de Valença do Minho, e Maria dos Remedios da Costa, nascida em Lisboa. Na época do seu casamento, morava Jorge Rodrigues no Pombal da Motovia. A elle se deve a construção, naquele sítio, de uma barreira de madeira, armada em capela, cujo oráculo era Santo António e onde, após o terremoto, esteve algum tempo a paróquia da Encarnação. Da ermida, edificada em fevereiro de 1756, nada resta hoje, a não ser o local, a que a Câmara Municipal de Lisboa ainda se não lembrou de mudar o nome, conservando portanto o de Rua Nova de Santo António.

Jorge Rodrigues foi um trabalhador infatigável e a sua altivez e integridade de carácter ficaram proverbiais na família.

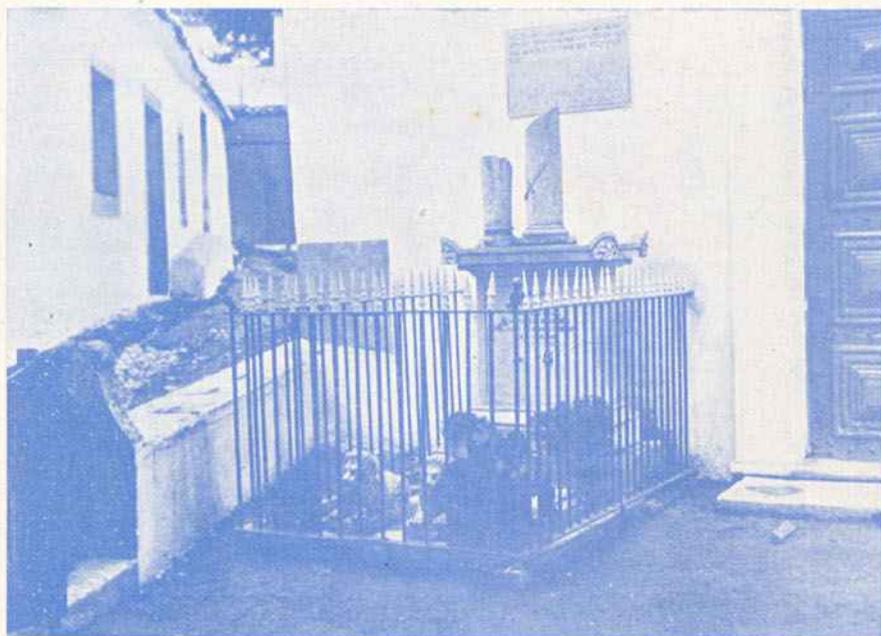
A igreja da Memória, em Belem, e as escadas do Paço em S. Vicente, são filhas do seu génio empreendedor e das suas excepcionais faculdades de trabalho.

Jorge Rodrigues deixou dois filhos: Caetano Jorge Rodrigues, official do exército, que fez toda a campanha da Guerra Peninsular e entrou na conspiração de 1820, e Maria do Carmo de São Boaventura, nascida na freguesia da Ajuda, na casa a que já nos referimos atrás e diante da qual se ergueu o patíbulo dos Távoras.

Em 1 de setembro de 1802 casou Maria do Carmo, na igreja de S. Mamede, com Teodoro Cândido de Araújo, natural de Lisboa, filho legitimo do negociante de trigos José Simões de Araújo e de Ana Tomáxia de Castro, ambos falecidos ao tempo do casamento de Teodoro Cândido.

Oito anos depois do seu consórcio, aos 28 de março de 1810, a filha de Jorge Rodrigues dava ao marido um varão: Alexandre Herculano.

Tais foram os antepassados do grande historiador e nobres são as palavras que elle escreveu em 7 de dezembro de 1862 e que vêm confirmar, o que atrás deixamos escrito: «Pertencem pelo berço a uma classe obscura e modesta: quero morrer onde nasci».



O túmulo em Açoia de Cima onde estiveram depositados, durante alguns anos, os restos de Alexandre Herculano

Carlos Portugal Ribeiro

19 ANOS DEPOIS...

50 mutilados alemães

da Grande Guerra estiveram em Sintra

encantos chegou, certamente o éco à sua pátria.

Cá vieram e por cá se demoraram algumas semanas — tantas quantas lhes consentiu a generosidade do seu governo, visto que à partida todos se confessaram saudosos por abandonar tão encantadora região.

Compunha-se a excursão de cerca de



POR iniciativa das companhias de navegação alemãs, secundadas pelo governo do Reich, todos os anos um grupo de mutilados da Grande Guerra, desempregados, vai de longada por esse mundo fazer uma cura de repouso em qualquer estância de nomeada.

Este ano os mutilados alemães optaram pela nossa aprazível Sintra, de cujos



cinquenta mutilados da Grande Guerra, que eram acompanhados dum outro, vítima dos disturbios políticos de que a Alemanha tem sido teatro nos últimos tempos.

Entre êles contavam-se três atingidos durante a celebre ofensiva de 9 de abril desencadeada sobre o sector português.

A guerra porém vai já longe. Os inimigos de há quinze anos compreendem hoje que ela foi uma fatalidade que pesou sobre todos por igual e sabem, portanto, esquecer o pesadêlo.

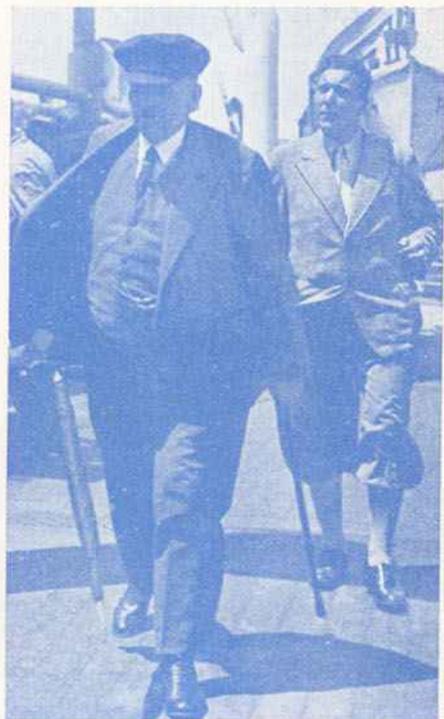
Em Sintra, mutilados alemães e portugueses confraternizaram. Isto demonstra que sobre as fronteiras o os ódios que arrastam os povos uns contra os outros,



se ergue actualmente o sentimento da justiça e humanidade que está no fundo da alma de cada homem. E isso é a garantia mais séria dum desarmamento que todos desejam.

Os visitantes deixaram o nosso país no dia 10 deste mês, embarcando a bordo do "General Artigas".

No cais foi-lhes feita uma carinhosa despedida.



ESTIVERAM nas nossas águas dois aviadores que formam um casal de noivos muito interessante.

Com efeito, Amy Johnson e Mollison, casados há nove meses, mal tiveram tempo ainda para provar as doçuras da lua de mel.

Apasionados ambos pela aviação, mal se apearam do seu sonho de noivado, partiram cada um para seu lado, em busca da embriaguez do espaço.

Nunca voam juntos e, quando voltam do seu passeio pelos ares, encontram-se e reatam o fio do seu rosário de amor.

Assim nunca se aborrecem um do outro, e o seu desejo está sempre vivo, como na primeira hora.

Estes dois corações encontraram, na sua paixão pelo vôo, o maior estímulo para a sua própria paixão, e o remédio preventivo contra a saciedade.

Não há nada como a distância entre dois entes para acender de novo o fogo nos corações que a cinza do fogo antigo ameaça cobrir.

Esta coisa de estar sempre suportando a presença duma criatura, por muito querida que seja, é massador e exgotante.

Há um romance de um autor francês que relata a vida verdadeiramente alucinante de um casal que se amou com entusiasmo, mas que o hábito de se vêrem todos os dias e a todos os instantes levou ao aborrecimento.

Eles, confiados na força do seu amor, isolaram-se do convívio dos homens e meteram-se num cantinho onde só a voz de um e outro se ouvia.

Ao cabo de algum tempo, esse face-a-face contínuo arrastou-os a um ódio mútuo, que não era menos poderoso do que o amor que primeiro os unira. A ele davam-lhe ganas de a matar e, quando passeavam juntos à beira do rio, vi-nham-lhe impetus de atirá-la à água.

Um suplício atrás.

Era o homem — porque é sempre o homem que se fatiga primeiro das carícias costumadas — que mais sofria daquele contacto permanente com a mesma parceira nos jogos do amor.

Não lhes digo como acabou o romance, porque não foi o romance que eu quis contar, mas a sorte que espera todos os amores que roncoiramente se prendem a uma vida sempre igual, sem buscar renovar-se.

E o único meio



ASAS DO AMOR

dessa renovação é uma ausência, de vez em quando.

«Mas, dir-me-hão, que não-de fazer aquelas pessoas que não podem separar-se, por exigências das suas ocupações, e que de uma forma constante vivem lado a lado?»

Pois, pior para elas. É ter paciência para aguentar o aborrecimento que fatalmente ha-de surgir entre elas, um dia mais ou menos próximo.

Para substituir o apetitivo da ausência, há ainda um recurso: manter, a par

do amor, um grande carinho, para que quando o desejo passe os dois se sintam presos por esse outro élo que é o amor espiritual.

Mas, tenho pena de dar mais uma desilusão aos namorados que aspiram ao amor eterno o amor integral de corpo e alma — não há nada que mantenha duas criaturas sempre em ebulição passional eternamente.

A eternidade só existe para além da morte.

Em vida é tudo irrisório, tudo ilusão. Quem sabe até se quando julgamos gostar de alguém não nos enganamos, na ância de prender uma ventura que nos foge, e que queremos agarrar, por instantes que seja?

Em todo o caso, a ausência é ainda o remédio ideal para curar, embora temporariamente, a saciedade que traz a fadiga amorosa.

E, por pouco tempo que possamos ser felizes, seja dentro das malhas da ilusão, vale sempre a pena tentar a sorte.

Este par de aviadores, talvez único no mundo, é de invejar.

O seu destino deu-lhes o amor com azas, para se afastarem um do outro, ainda mesmo antes de um do outro se sentirem fatigados.

A aviação que é justamente temida, em tempo de guerra, pela sua acção terrivelmente destruidora, é, em tempo de paz, a condutora do amor.

Quando o aviador volta de longe, das alturas, sente-se feliz quando poisa em terra e uma boca querida lhe dá, com o seu beijo, a certeza de que afinal cá por baixo, muito *terre-à-terre*, há coisas boas para que vale a pena viver.

É de lastimar que não possa finalmente imitar-se o processo de Amy Johnson, para prender seu marido sempre ansioso dos seus encantos.

Eles voam para a glória de novas proezas e voltam para o júbilo de novas sensações.

Andam sempre, mesmo em espírito, entre o céu e a terra.

Quando em cima, passando velozes tão perto das estrelas em diferentes céus, pensam no encantamento de voltarem breve a cingir-se com o abraço da saúde.

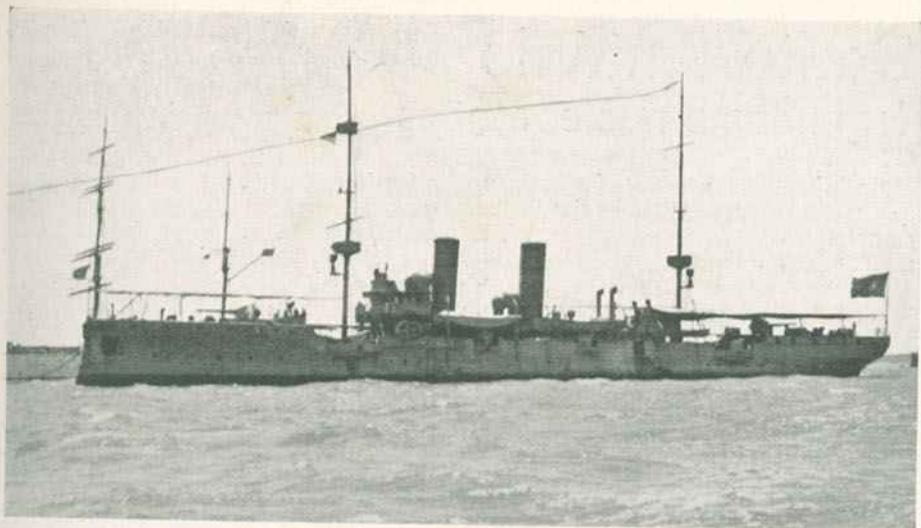
Quando em terra, sonham com a separação próxima, que de novo os atirá para os braços um do outro, cada vez mais apaixonados e mais unidos.



Em cima: A aviadora Mollison e seu marido passeando em trem. — Em baixo: A aviadora Mollison contando as suas aventuras a um grupo de crianças

Mercedes Blasco.

MARINHA DE GUERRA



O «ADAMASTOR» REGRESSA AO TEJO — Depois de quatro meses de viagem, regressou de Macau a Lisboa o antigo e histórico cruzador «Adamastor». É uma relíquia da nossa marinha. Foi construído em 1890. Fez viagens a todas as nossas colónias e colaborou em 1916, com grande eficácia, no combate do rio Rovuma, no Niassa. Depois esteve no Oriente largos anos. Lá fez a sua última estação. O seu regresso foi um acontecimento. Bastantes anos andou longe da Metrópole. As famílias dos tripulantes estiveram a bordo. Abraços de boas-vindas. Uma nota pitoresca o nosso reporter-fotógrafo conseguiu registar. A bordo, vieram ao Oriente, numerosas gatotas com centenas de pássaros de variadas e exóticas cores. Penduradas no convés do barco, produziam um efeito curioso. Recordações que os marinheiros trouxeram. O «Adamastor» vai ser abolido ao efectivo. Cumprir já o seu dever. A sua vinda foi atribulada. Chegou a perder os lemes... e a andar aos «zig-zags». Entrou, no entanto, no Tejo e deve ser conservado como relíquia da nossa marinha de guerra.



UMA MERECEIDA FESTA DE CONSAGRAÇÃO



O ALMOÇO DE HOMENAGEM AO CRÍTICO TEATRAL JORGE DE FARIA — Num dos restaurantes de Lisboa, efectua-se há dias, um banquete de homenagem ao sr. dr. Jorge de Faria, crítico dramático de grande relevo. Cerca de cem pessoas rozearam o conhecido homem de teatro. Gente de bastidores, jornalistas e advogados. Foi uma homenagem justíssima, já pela nobreza com que exerce a sua profissão, como pelo carácter desassombrado que imprime aos seus escritos sobre teatro. Jorge de Faria de há muito devia ter sido homenageado. E dos poucos com quem o teatro pode contar para sua defesa. Presidido ao banquete a grande actriz Avelina Abranches, figura inconfundível da cena portuguesa.

O português sentimental, que queira conhecer o seu Santo António através dos livros, sofre uma austera decepção. Eis que o canonizado bonacheirão e complacente, em quem o seu coração profano, mas terno, põe uma religiosa esperança, ou por quem se desata em licenças de bailarico estouvado e brejeiras glosas de cravo-de-papel, lhe surge, afinal, um frade severo e eloquente, denominado pelos "doutores," contemporâneos: *Martelo de Heresias*. E, ao cabo de ler a sua vida ciliciada, jejuante e, tão só apostólica no século, fica cuidando que o nosso povo, tal como o modelo simplória-mente em barro, o entronisou orago do amor e da folia jóven, numa concepção desabusada, indigna do que frei António no mundo.

Mas ilude-se, pois, no fim de contas, não há tal desabuso, tal distinção que pode supôr-se a uma primeira vista, entre esse monge, ardente missionário e platónico patrono de barro, por quem se enfloram em voto o manjerico e, para os bailaricos se vai em folionas marchas de balõesinhos, entre descantes de derriço. Porque, sim: Santo António pode ser o mesmo de que reza a sabedoria dos livros e o coração do povo. São duas pessoas distintas e uma só verdadeira.

Quanto ao mais grave, ou seja, o que Santo António pensa a respeito lá no Céu, ignoram-no os livros. Os sábios foram vêr aos registos da época e verificaram que êle se chamou no século, Fernando de Bulhões, e o povo ignorante sabe muito bem que foi sob esse nome que, estando frei António a pregar a sua missa em Pádua, veiu a Lisboa, num instantinho milagroso, salvar seu pai da força. E os que escreveram os livros estavam, talvez, em casa a escrevê-los e não foram à fonte onde Santo António ia estilhaar o cântaro das moçoilas, para lhes enxugar as lágrimas com um sorriso, apresentando-lhes outro novinho... em barro, mercê do sôpro divino com que Deus já o inspirava. Sim, o povo é que sabe da coisa, por ser neto dessas cachopas. E quem sabe se o popular Santinho não desfez êsses cântaros em barro, para que deste lhe fizessem mais tarde as singelas imagens diante de que folga o amôr que tudo transforma em barro?

Ultimamente, os sábios, que estão fazendo finca-pé de que a sabedoria que êle levou para a Itália foi adquirida em Coimbra, querem mostrá-lo ao povo, tal como é na legenda. Mas o povo só acompanha êsses "doutores," no protexto a favor de que Santo António deve ser de Lisboa e não de Pádua, para isso muito

Santo António nas legendas e nos corações

capaz de jurar que êle, povo, seja céguinho, se o seu quarto não está na igreja que lhe edificaram, ali, mesmo adiante da Sé. E a razão porque Fernando preferiu ir missionar como frei António para outras terras, talvez também a compreenda o povo!

E muitos místicos hão-de desmerecer de que se faça uma questão de naciona-

Sem desprestígio para tal conceito pontifício, o povo não precisa de conhecer que o papa Gregório IX chamou aos seus sermões: *Arca do Testamento*, pois lhe basta que êle se tivêsse feito ouvir pelos peixes, uns animais que, por cima de viverem dentro da água, parecem, tão desconfiados como estupidosinhos. E isto é, mesmo, mais poético que converter o dono duma muar que primeiro conseguiu pôr de joelhos em adoração à sagrada Hóstia!

A gente de Portugal reconhece a Sua Santidade ter elevado o seu platónico patrono a dignidade de Doutor da Igreja. Oh, mas, ainda que pela Igreja, doutorar Santo António! Pois não ficaria melhor, êle que era tão devoto de Nossa Senhora, como Portugal, e a invocava sempre nas suas tentações permanecer Orago casamenteiro do povo que o instituiu áio, quasi papá adoptivo do menino Jesus — esse menino Jesus: que, em certas imagens de barro, nos aparece metido pelo seu sovaco e em parte das suas costelas!?

Mas isto não importa, Santo António há-de até agradar-se dêsses seus incenes baratos, tendo sido, depois do *Poverello*, o melhor amante da Pobreza, dôce Dona por quem tomou partido com os frades *zelanti*, contra frei Elias.

E decerto, porque São Francisco de Assis, chefe da sua piedosa ala-de-namorados, adorou fraternamente tôdas as coisas, é que nós votamos ao mais fiel dos seus discípulos, o manjerico — essa irmã planta, da família botânica das "labiadas," e cujo aroma nos penetra até ao íntimo.

Do seu grande amôr pela Pobreza deve provir a devoção que o povo lhe consagra. Por isso, no seu dia o povo está inteiramente alegre e folga, como decerto êle lá no Céu.

E querem saber como ainda se pode explicar, que se permitam certas licenças de bailarico e descantes bré-

jeiros, quasi em louvor do canonizado que foi tão severo e abstinente monge?

E' que de tudo o que se passar nessa data, que Deus lhe concedeu para olhar pelo mundo, Santo António nada irá dizer a Nosso Senhor, porque a sua língua era perfeitamente a antítese da das comadres, só se ocupando das coisas divinas, a ponto que trinta e dois anos depois do seu trespasse lhe foram encontrar tal como a tivera, durante a vida, neste mundo!

Simplemte, tomem tento no que lhe vão pedir. Nada de negócios. Nem qualquer coisa que não se possa ouvir. Não é por êle, mas pelo menino que tem ao colo!

Aleixo Ribeiro.



Vera effigies Sancti Antonij Lisbonensis in Ecclesia Lusitanorum Roma

lidade, depois que êle atingiu a bem-aventurança celeste, que está acima das nações. Mas desconhecem que Santo António não vive apenas nas almas portuguesas, universais e eternas como as almas de todo o mundo, porém ainda nos corações de Portugal, que são mortais, mortalmente amorosos, e simplesmente portugueses. E vem a ser nestes corações que o canonizado de Pádua é apenas o Santo Antoninho de Lisboa, propiciador de casamentos e de outros não menos alegres protextos de amôr.

Entretanto, descansem os "doutores," que o povinho não ignora o que sabem de mais alto a respeito de frei António.

EXERCÍCIOS MILITARES



O sr. ministro da guerra, governador militar de Lisboa e estado maior, após os exercícios



Uma força de infantaria, saltando por sobre obstáculos de terreno acidentado, faz fogo



O sr. ministro da guerra, acompanhado da oficialidade superior, passa em revista os regimentos que tomaram parte nos exercícios

PARA instrução de quarenta e sete oficiais que frequentaram os cursos de informação da Escola Central de Caxias travou-se, ha dias, um combate simulado nos campos entre Queluz e Amadora. Actuaram dois mil e quinhentos soldados pertencentes a Caçadores 7 e 5, Infantaria 1, Artilharia de Sacavem e Artilharia 3. Colaboraram aviões militares das esquadilhas de Alverca e da Amadora.

O tema do exercicio consistia no seguinte: Uma divisão de infantaria atingira, as posições de Calhariz de Bemfica, Montijo e Casal do Zambujal, onde acampou. Era o «partido vermelho». O «inimigo», designado por «partido azul» — uma companhia de regimento de Metralhadoras 1 — acampára, também, para trás do Casal das Canas, supondo-se que contingentes muito mais numerosos, e dispo de todo o necessário material bélico, ocupavam a estrada militar de Bemfica á Amadora.

Preparado cuidadosamente o ataque, os «vermelhos», iniciaram o combate, avançando em lanços e colunas e atiradores, ora a campo descoberto, ora rastejando.

Em Montes Claros, numa bela posição estratégica, com algumas peças escondidas sob rêdes para que de bordo dos aviões não as enxergassem tão facilmente. Artilharia 3, e, na rectaguarda, o batalhão de Artilharia Motorizada de Santarem, com os seus tractores mecanicos e todo o excelente material de guerra moderno, abriram fogo protegendo e ajudando o avanço de infantaria.

Na quinta do Casal das Canas, e numa vasta sala por sobre um palheiro que serve de arrecadação a cereais, realizou-se o almôço da officialidade, a que presidiu o sr. ministro da Guerra, findo o qual este membro do governo visitou as posições ocupadas pela artilharia e a base de concentração de infantaria, onde ás praças foi servido o rancho. As forças que participaram nos exercicios eram comandadas superiormente pelos srs. tenente coronel Vale de Andrade e major Fontes Pereira de Melo.

A Embaixada do Brasil, instalada no Palácio da Casa de Bragança, à rua António Maria Cardoso, viveu, na noite de 5 do corrente, por ocasião do banquete seguido de recepção, em honra do ilustre Chefe do Estado sr. general Carmona, oferecido pelo ilustre Embaixador do Brasil, em Portugal, sr. dr. José Bonifácio de Andrade e Silva e por sua esposa, horas de um grande prazer espiritual.

Presidiu ao banquete o sr. presidente da República que tinha à sua direita, a senhora do dr. Andrade e Silva, dr. Oliveira Salazar, chefe do governo, D. Maria Inês Carmona Santos, general Daniel de Sousa, D. Bernadette de Weck Vaz Sarafana, coronel Linhares de Lima, e o conselheiro da Embaixada do Brasil, dr. Figueira de Melo, e à esquerda, D. Gilda Auziello de Mesquita Guimarães, Nuncio Apostólico, D. Esmeralda Linhares de Lima, ministro da Bélgica, D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, Dr. Vaz Sarafana e o secretário da Embaixada do Brasil dr. Leitão da Cunha.

Em frente do chefe do Estado, tomou lugar o Embaixador do Brasil, que tinha à sua direita a sr.^{ta} D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, Comandante Mesquita Guimarães, senhora de South, dr. Jorge Santos, senhora de Siqueira Braga, tenente-coronel João Luís de Moura, D. Carolina Lafayette de Andrade e Silva e dr. Pedro Francklin de Almeida Lima e à esquerda senhora de Daniel de Sousa, dr. Luís Teixeira de Sampaio, senhora de João Luís de Moura, dr. Luís Barreto da Cruz, senhora do dr. Figueiredo de Melo, comandante Siqueira Braga, tenente Mário Carvalho Nunes e dr. Martin Francesco Lafayette de Andrade e Silva.

Ao «champagne» foram trocados efectuosos brindes, seguindo-se depois a recepção que terminou perto das seis horas da madrugada tendo-se dançado com verdadeiro entusiasmo ao som de uma exímia orquestra «jazz-band».

Pelas duas horas da noite foi aberto o salão de mesa, onde foi servida uma finíssima ceia.

O aspecto dos vastos salões, nessa noite, bem como o belo terrasso junto do salão de mesa, era verdadeiramente encantador, para o que muito concorreram os vestidos de tons claros das senhoras, que punham o contraste flagrante, no tom escuro das casacas e fardas cobertas de constelações.

Entre a assistência recorda-nos ter visto:

Ministro da Guerra e D. Maria de Fátima Tamagnini Barbosa de Oliveira, ministro do Comércio, Indústria e Agricultura e senhora de capitão Ramires, ministro da Alemanha, ministro da Noruega e senhora de Finn Koren, ministro de França e senhora de Curréll, ministro de Itália e senhora de Tuozzi, Encarregado dos Negócios da Holanda e senhora de Loudon, Encarregado dos Negócios da Argentina, esposa e filho, En-

O banquete a recepção e o baile na embaixada do Brasil

carregado dos Negócios do Chili e senhora de Azocar Alvarez, Encarregado dos Negócios da China, Encarregado dos Negócios de Cuba e senhora de Lloynez del Castillo, Encarregado dos Negócios de Espanha e senhora de Llopis de Casades, conselheiro da Embaixada de Inglaterra e Miss Adam, conselheiro da legação de França e senhora de Hybouvillie, secretário da legação do Japão, senhora do dr. Leitão da Cunha, D. Carlos Orense, D. António Tapia, conselheiro de Legação Alexandre Magruder, general Domingos de Oliveira e D. Eugénia Soares de Oliveira e filhas, general João Craveiro Lopes e D. Júlia Craveiro Lopes, general Vieira da Rocha e D. Filomena Lamarão Vieira da Rocha, general Bernardo do Canto e esposa, general Farinha Beirão, general Alexandre Malheiro e filha, almirante Luiz António de Magalhães Cor-

de Miranda, D. Berta Ortigão Ramos, Ramon de Oliveira César, esposa e filhas, D. Sara Burnay Paiva de Andrade e filhas, dr. António Soares e D. Fernanda Tavares de Soares, conde de Nova Gôa, Luiz Machado Pinto, conselheiro Camelo Lampreia, comandante Pedro Rodrigues e esposa, dr. José Antunes dos Santos, esposa e filha, dr. Alvaro

Miranda Pinto de Vasconcelos, dr. António Cassiano Neves e D. Palma Vahin Neves, comandante Teixeira Rebelo e D. Maria Antónia Teixeira Rebelo, dr. Frederico Vasconcelos de Abreu, José Viana da Mota e filhas, dr. Frederico Henriques Gois e esposa, coronel Esmeraldo Carvalhais, dr. António Caetano de Campos de Andrade, dr. Alvaro Campos, dr. Borges da Fonseca e esposa, Jorge Graça e D. Honorina de Moraes Graça, dr. Carlos Guerra, D. Oliva Guerra, dr. Alvaro de Caires, dr. José António Meireles de Campos Henriques e filho, Arenas de Lima e D. Cecília Carbonelli de Arenas de Lima, coronel Adriano da Costa Macedo e esposa, D. Maria Augusta de Carvalho Moraes, dr. Lemos de Bastos, José Guilherme de Portugal e D. Maria Antónia de Melo Portugal, dr. Oliveira Soares, dr. Francisco Patrício e D. Maria Madalena Tri-



O Chefe do Estado acompanhado de sua esposa e do chefe do governo, rodeado dos convivas ao banquete que lhe foi oferecido na embaixada do Brasil

reia, Almira da Ivens Ferraz e D. Laura Mendes de Almeida Ivens Ferraz, condessa de Taboeira, condessa de São Mamede e filha, condessa de Castelo Branco, baronesa de Almeirim e filhas, D. Natália Muñoz y Puig, general Vicente de Freitas e D. Beatriz de Freitas, dr. Osório de Castro e D. Maria Aurélio Osório de Castro e filhas, marquês de Faria, Guilherme Ferreira Pinto Basto e D. Branca de Atouguia Pinto Basto, dr. Augusto Cunha, D. Adelaide Castilho da Graça Aranha, senhora de Mendes Leal, dr. Júlio Fantas, Carlos Joyce Diniz e D. Leonor Anjos Diniz e filhas, Ernesto Santos Bastos e D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, dr. Almeida Euzébio, esposa e filhos, D. Alberto Bramão e D. Adelaide Bramão, dr. Joaquim Leitão, dr. Betencourt Rodrigues e esposa, D. Alda Cabral Gentil e filha, dr. Carlos Pinto Ferreira e D. Aida Barreira Pinto Ferreira, senhora de Mendes Leal, dr. Marcos de Fontes Pereira de Melo e esposa, capitão Raúl Dantas Manso Preto e D. Maria Carolina Manso Preto, almirante Sarmento de Saavedra e esposa, dr. António Sarmento Pereira Brandão e D. Palmira Sarmento Brandão, coronel João Ricardo Cabral e D. Sara Albuquerque Cabral e filhas, Watson e esposa, coronel Bernardes

guieros de Martel Patrício, dr. Anibal Roque de Pinho (Alto Mearim) e D. Maria de Andrade Roque de Pinho e filhos, Jaime Roque de Pinho (Alto Mearim), e D. Maria Santos Roque de Pinho e filhas, dr. Oliveira Monteiro e D. Luísa Roque de Pinho de Oliveira Monteiro e filha, dr. Luís da Cunha Gonçalves, dr. Sampaio e Melo, almirante Augusto Osório, coronel António Lopes Mateus, dr. José Soares Franco e esposa, Francisco

Xavier dos Santos Silva e D. Júlia Castilho Santos Silva, comendador Domingos Briffa e D. Piedade Valdez Briffa, dr. Alves de Sousa, esposa e filha, D. Helena de Aguiar de Andrade Santos Silva e filho, dr. Vicente de Vasconcelos e esposa, capitão Luís de Santana e D. Izaura Vaz de Araujo de Santana, senhora de Ernesto Campos de Andrade e filhas, dr. João Maia, Hugo Navarro de Andrade Belmarço, D. Maria Pereira de Eça e filha, dr. Antonio Pereira Forjaz, senhora de Mesquita de Carvalho, dr. Mario da Silva Santos, Artur Abecassis e D. Maria da Conceição d'Eça Leal Abecassis, Tomaz de Eça Leal, D. Fernando de Castro (Nova Goa), Henrique de Holanda; Honorio de Carvalho e esposa, D. Henriqueta Shaw e filha, D. Julia Seruya, Antonio Ferro e D. Fernanda de Castro e Quadros Ferro, senhora de Eduardo Castelo Branco, Carlos Andresen, esposa e filhos, etc., etc.

Os ilustres Embaixadores, seus filhos, coadjuvados pelo pessoal da Embaixada, foram de uma cativante amabilidade para com os inumeros convidados que se retiraram gratíssimos, com os deliciosos momentos que lhes propocionaram.

O 1.º aniversário da morte de D. Manuel de Bragança

COMEMORANDO a passagem do primeiro aniversário da morte de D. Manuel II, foram ao Panteão de S. Vicente, em romagem, orar junto do túmulo do último rei português, muitas individualidades em destaque no meio monárquico. Ali esteve, também, um grupo de empregados bancários que collocou no plinto do mausoleu, uma palma e corôa de bronze. Na igreja de S. Domingos, realizaram-se, solenes exequias por sua alma, tendo-se enchido por completo o grande templo. No altar-mór encontravam-se as mais categorizadas figuras da causa monárquica e a comissão que mandou celebrar os officios de sufrágio, que era constituída pelos srs. João de Azevedo Coutinho, marquês do Lavradio, condes de Alcaçovas, de Almada, de Mafra, de Murça, e de Vale de Reis, visconde do Torrão, drs. Mario de Aguiar e Fernando Pizarro e Rui de Andrade e Luz de Sommer. Rezaram-se também missas nas igrejas dos Mártires, Santa Maria de Belem, dos Anjos e São Mamede.



O túmulo de D. Manuel II, no Panteão de S. Vicente, ficou junçado de flores no dia 1 deste mês — data do 1.º aniversário da sua morte



Aspecto da igreja de S. Domingos, durante as solenes exequias por alma do último rei de Portugal. Foi celebrante o sr. arcebispo de Mitlene e a missa pontifical foi rezada no altar-mór. No transepto, foi collocada uma grande eça, sobre a qual se encontrava a corôa real, coberta de crepes



Pedro Wenceslau de Brito Aranha
(Diário de Costa Mota, 19)

Mas não se limitou a isto a magnífica actividade de Brito Aranha. Como o dr. Armelino Júnior muito bem o definiu, no discurso proferido na sessão solene organizada pelo Sindicato dos Profissionais de Imprensa, Brito Aranha foi toda a sua vida um *trabalhador indefesso e constante*. Tendo iniciado a sua vida como tipógrafo, soube elevar-se, por virtude da sua alta inteligência e da sua infatigável actividade, ao cargo de chefe da redacção dum grande jornal. E ainda encontrou tempo, durante essa existência trabalhosa para nos legar uma obra notável de investigador paciente e erudito que compreende mais de sessenta volumes.

É da sua autoria grande parte desse importante monumento literário que é o «Dicionário Bibliográfico Português». Nêle deixou Brito Aranha arquivado um profundo trabalho de investigação e crítica que bastaria para impôr à nossa admiração.

A par disso, Brito Aranha deixou espalhada por livros e jornais uma extensa produção literária, como contista, historiógrafo, orador, autor teatral e tradutor. Entre os seus livros avulta, sobretudo,

«Memórias dum jornalista», curioso repositório de factos relativos à política, à literatura e ao jornalismo do seu tempo.

Não é nossa intenção esboçar, ajuda que a traços largos, a biografia de Brito Aranha. Queremos apenas pôr em destaque os motivos que levaram o Sindicato dos Profissionais de Imprensa a tomar para si o encargo de recordar a memória desse grande trabalhador das letras.

A comemoração do centenário de Brito Aranha foi cheia de sinceridade e emoção. Iniciou-se por uma romagem ao cemitério dos Prazeres, onde repousam os

CONSAGRAR aqueles que nas tarefas ingratas e exaustivas da Imprensa servem a sua pátria e os ideais nobres e elevados da Humanidade é um dever que se impõe a todos que têm da Justiça uma concepção superior.

Muitas e muitas vezes tem esse dever sido esquecido. Mais digna ainda de aplauso é, por isso, a iniciativa do Sindicato dos Profissionais de Imprensa de prestar homenagem à nobilíssima memória de Pedro Wenceslau de Brito Aranha, jornalista e homem de letras dos mais notáveis do nosso país.

Em 28 de junho último, Brito Aranha teria completado cem anos de existência se ainda fôsse vivo. Um século! Bela oportunidade para consagrar um homem que ao jornalismo e às letras deu mais de cinquenta anos de actividade fecunda e cintilante e que ainda hoje vive na memória de todos os jornalistas — dos velhos como uma saudosa recordação; dos novos como um nobre exemplo de trabalho útil e honrado.

Como jornalista, Brito Aranha deixou o seu nome indelutavelmente ligado ao do grande jornal «Diário de Notícias», onde consumiu quasi meio século da sua infatigável actividade. Eduardo Coelho, que soube reconhecer nêle as admiráveis qualidades que o ornavam, chamou-o para colaborar na realização do seu sonho dum grande órgão da Imprensa. E o sonho transformou-se, volvidos alguns anos, numa admirável realidade, mercê dum punhado de vontades e dedicações. Brito Aranha foi uma dessas vontades enérgicas e uma dessas dedicações absolutas. Até pouco tempo antes da sua morte, foi êle quem assumiu a chefia da redacção do maior jornal português. Isto diz tudo sobre o que foi a sua acção dentro do jornalismo.

Uma notável figura do nosso jornalismo

Como foi feita a comemoração do centenário do nascimento de BRITO ARANHA

restos mortais do grande jornalista. Nessa manifestação de comovida saudade fizeram-se representar: a direcção do Sindicato dos Profissionais de Imprensa pelos srs. dr. José Pontes e Alvaro de Andrade, nosso chefe de redacção; a Sociedade de Autores e Compositores pelo sr. Pedro Bandeira; a Caixa de Provisão do Sindicato de Profissionais de Imprensa, pelo sr. Júlio Caiola; a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto pelo sr. Alfredo Marques.

Encontravam-se presentes os srs.: dr. Alfredo da Cunha, dr. Bento Carqueja, D. Emilia de Sousa Costa e dr. Sousa Costa, Adães Bermudes, Manuel Emídio da Silva, Pereira Batalha, dr. Caetano Beirão da Veiga, Eduardo Schwalbach, Abel Moutinho, Ariosto Saturnino, engenheiro Paulo de Brito Aranha, filho do homenageado, etc.

Foram depostos vários ramos de flores no mausoleu. Usou, em primeiro lugar da palavra o sr. dr. José Pontes, como presidente da Direcção do Sindicato dos Profissionais de Imprensa, que num breve discurso invocou o sentimento que ali reunia todos.

«Curvemo-nos, reverentes, perante estas cinzas — começou por dizer. — Homensgeiros Brito Aranha, como obreiros duma profissão que êle honrou e a que deu lustre. No grande jornal «Diário de Notícias», aqui tão brilhantemente representado, êle foi um grande jornalista; os en-

namentos e os exemplos dos mais velhos são guias seguros dos novos, e por isso consagramos a sua memória...

Falou em seguida o sr. dr. Bento Carqueja que disse:

«Vim de longe trazer as minhas flores a êste túmulo» Brito Aranha, colaborador do meu querido «Comércio do Porto», exprimiu tudo o que de grande e de nobre se encerra na profissão que servimos. O Sindicato da Imprensa pratica uma boa acção lembrando a sua obra, e assim começa a fazer-se justiça a quem tanto honrou as letras e nobilitou a Pátria...

Por fim o sr. dr. Caetano Beirão da Veiga tomou a palavra em nome do sr. Eduardo Schwalbach e do «Diário de Notícias». Elogiou a figura admirável de Brito Aranha e disse que seu filho, Paulo, herdou intactas as qualidades que tanto distinguiram o pai.

Uma hora depois efectuou-se na Casa da Imprensa, à rua do Loreto, uma sessão solene que decorreu no mesmo ambiente de saudade e recolhimento. A essa sessão presidiu o sr. Eduardo Schwalbach, illustrador do «Diário de Notícias», secretário pelos srs. dr. Alfredo da Cunha, antigo director do mesmo jornal e Bento Carqueja, director do «Comércio do Porto», onde Brito Aranha colaborou assiduamente.

O primeiro orador a falar foi o sr.

dr. Armelino Júnior que começou por dizer:

«Permiti, senhores, que um antigo jornalista, já fora da trincheira e do combate pela sua procveta idade, mas desvanecido e orgulhoso sempre de o ter sido, e com dignidade e honra, e, propellido pela saudade e pela velocidade adquirida, ainda por vezes ali faz as suas incursões, que tm dos mais antigos colegas do homenageado na Imprensa, um dos seus mais velhos e devotados amigos, que muito viveu na intimidade, também venha agora aqui, nesta expressiva e piedosa romagem, depar — não clemere ramo de flores, que logo fenecem e marcham como certas anilzades e certas memórias — mas expressões íternas e sinceras, moldadas no bronze eterno da infinda saudade, de perduável recordação, da mais firme, real e duradoura a amizade...

Evocou depois a figura admirável de Brito Aranha e a vasta obra por êle legada, tendo palavras de elogio para o filho de tão notável jornalista e de carinho e saudade para a memória de D. Maria Amália Teles da Mota Brito Aranha, que foi sua esposa.

Falou em seguida o sr. dr. Bento Carqueja, que num brilhante discurso pôs em relêvo a alta concepção que Brito Aranha formava do jornalismo.

Em nome da direcção do Sindicato, o sr. dr. José Pontes expôs depois os motivos que haviam determinado esta homenagem. E por fim, o filho de Brito Aranha, nosso camarada na Imprensa e engenheiro muito distinto, pronunciou visível comovido as seguintes palavras:

«São às vezes penadas de suportar as grandes heranças literárias; mas nunca encontro na minha senão motivos de estímulo e de orgulho, manancial inesgotável de energia, impetoso e dinâmico, filho da devotada admiração e do exemplo inconfundível.

«Há obras que vivem do brilho fugaz e não resistem à análise serena, lucilações metélicas geradas pela temperatura social do momento, que duas tristes pás de terra para sempre escondem a spagam. Obras há, porém, que a laje do túmulo não reful a silêncio, antes excita e engrandece;



Os srs. dr. José Pontes e Alvaro de Andrade, respectivamente presidente e vice-presidente da Direcção do Sindicato dos Profissionais de Imprensa, depondo flores na base do mausoleu

sarem desencantadas do estudo meticoloso e profundo, e, quanto mais se folheiam, mais alto illumina o clarão que delas irradia. São fruto do labor sério, nascido do esforço próprio e honradamente acumulado sem vista à glória terrena, que não pode nem ser sabecandê-lo.

«Se vos estou neste momento infinitamente grato, não é tanto pela homenagem que prestaís, pois verifico que foi sincera e espontânea; o que acima de tudo vos agradeço, e provavelmente me fará reconhecido, é terdes de novo trazido para a luz, com esta solene e expressiva consagração pública, a obra considerável dum homem, cuja bibliografia, rica de dezenas de volumes, constituiu um monumento literário de investigação, história, memórias, crítica, ensaios e jornalismo, que dia a dia me enche de veneração e de pascmo e não ignoro ser hoje privilégio de raros apenas, velhos conbecedores e estudiosos.

«Servo à memória de meu saudoso e bondoso Pai, falando, não no seu nome, que êle sempre procurou esconder na modestia e na simplicidade mais dignas, mas no produto do seu trabalho infatigável, de que fez regorgitar uma estante, em sua consciencia para utilidade da nação. Só na infância gozei do seu convívio; tanto me bastou, todavia, para reconhecer que não há melhor forma de tributar-lhe a preço que dêr-se a fama de examinar qualo fecunda se revela a sua obra como ferramenta de vulgarização e fonte de consulta. Nada mais o honrava que convencê-lo do proveito do seu labor...

Agradeceu depois a todos os que tomaram parte na homenagem e, em especial aos oradores, e terminou dirigindo-se à Direcção do Sindicato, ali representada pelos srs. dr. José Pontes e Alvaro de Andrade:

«Para concluir o meu agradecimento, só me resta confessar-vos humildemente que compreendo o vosso gesto, promovendo esta comemoração do centenário. Honrais assim quem, «mas que nenhum, foi, no dizer dum dos seus biógrafos, o excelso e erudito Gomes de Brito, o prototipo verdadeiro do homem de letras, vivendo exclusivamente para elas. A Imprensa lhe deu — ela só — os meios de manter-se na vida; a Imprensa lhe abriu as portas das Academias e Institutos Nacionais e estrangeiros. Nem politico, nem oficial, nem funcionario; única e exclusivamente obreiro do jornalismo. Compreendo o vosso gesto, repito; esta homenagem põe em relêvo um simbolo profissional, na pessoa de quem em toda a vida mais não fez do que dignificar a sua profissão; e serve de cúpula grandiosa, mais que qualquer outra eloquente, à nossa pertina e momentanea tarefa associativa, em defesa dos sagrados e nobilissimos direitos da classe...

Foi em seguida encerrada a sessão, que deixou no espirito de quantos a ela assistiram uma agradável recordação e que constituiu uma justa homenagem a uma das figuras de maior destaque do jornalismo português.



Algumas das individualidades que assistiram à sessão de homenagem, promovida pelo Sindicato dos Profissionais de Imprensa



Junto do mausoleu de Brito Aranha, foram em romagem estas figuras em destaque no jornalismo e nas letras

A praia da Costa de Caparica, ainda ha poucos anos alcunhada de "praia selvagem," é hoje uma das mais concorridas e apreciadas praias de Portugal.

Foi como que uma transformação de magia...

A praia, que era raramente visitada por uns raros visitantes, bate hoje o "record" da concorrência. Aflui ali, principalmente aos domingos, uma multidão enorme de gente de todas as camadas sociais, ávida de respirar, a plenos pulmões, o ar iodado do mar.

E' vê-la, logo de manhã cedo, a correr para os vapores que do Terreiro do Paço e de Belém fazem carreira para a Trafaria e a assaltar as "camionettes," que dali a conduzem á "Praia do Sol."

Famílias inteiras, ajoujadas com seus farneis, vão para lá passar o dia, á sombra acolhedora dos toldos e das barracas de lona. A população fluctuante da praia, dá-lhe uma vida cheia de movimento e de colorido bizarro.

E toda a gente se descalça e se mete na agua, que anda no seu vai-vem constante...

As crianças, umas completamente nuas, outras com os seus mais variados fatos de banho, imprimem-lhe uma nota alegre, chapinhando na agua, á beira do mar, ou a dár cabriolas na areia.

Dentre ellas sobressai, pela sua originalidade, um miudo de 7 anos chamado Virgilio, garoto esperto, azougado, que canta o fado sem acompanhamento, demonstrando uma excelênte memoria, pois que do seu "repertorio" fazem parte nada menos de seis cantigas, com o mote e suas respectivas decimas.

O pequeno Virgilio, tisonado pelo sol da praia, alegre a "Praia do Sol" cantando, junto dos visitantes domingueiros, os seus "fadinhos," dizendo os versos numa linguagem cheia de pitoresco...

Enquanto êle canta, as irmãsitas, a Izaura, a Madalena e a Idalina, apregoam e vendem "agua fresquinha" a tostão cada copo...

E' uma familia de gente pobre, trabalhadora.

O pai trabalha sempre que ha em quê; a mãe acarreta bilhas de agua que as filhitas vendem, bem novas começando na luta pela vida, e Virgilio canta



COSTA DE CAPARICA

Da praia selvagem à "Praia do Sol"

no verão, como a cigarra... A grande simpatia que nos inspirou o simpático miudo, inspirou-nos os seguintes versos "virgilianos," que ele aprendeu com facilidade espantosa e aos quais imprime um grande tom de convicção:

Fado do Virgilio

MOTE

*Sou o rival do Menano,
Canto como um rouxinol;
Sou pobre Caparicano
E alegre a "Praia do Sol."*

GLOSAS

*Apesar de ser pequeno
E viver junto do mar,*

*O "fadinho" sei cantar
No estilo mais ameno;
Para mim não há "empeno,
A cantá-lo não me engano,
Porque sou um lusitano,
E, por êle, apaixonado,
Por isso, a cantar o fado,
"Sou o rival do Menano."*

*E tóda a gente se encanta
Ao ouvir a minha voz,
Por aí corre veloz
A fama desta garganta;
A mim já nada me espanta
Que, em breve, esteja no rol
Dos grandes cantores de escol
Que assombram com sua Arte,
Pois eu, a modéstia à parte,
"Canto como um rouxinol..."*

*Embora eu ande descalço
E pobramento vestido,
Por todos sou bem-querido
Pois não tenho olhar de falso;
Da Honra sigo no encalço,
Por ser um dever humano,
O meu trabalho é insano
Para não pedir esmola,
E dizê-lo me consola:
"Sou pobre Caparicano."*

Aos domingos venho à praia

*Vêr mulheres quasi nuas
Que, em Lisboa, pelas ruas,
Usam mui comprida a saia,
E quando no céu espraia
Seus lindos raios, o sol,
E enquanto dura o "briol"
E fazem bem às barrigas,
Eu canto as minhas cantigas
"E alegre a "Praia do Sol."*

Por fim, munido de alguns exemplares do "seu" fado, dos muitos que lhe demos, e que um generoso amigo nos imprimiu gratuitamente em bom papel "couchet", o Virgilio distribui-os pelos mais graduados ouvintes, fazendo uma bôa colheita de "corôas" que êle corre a levar á mãe, sem gastar, sequer, um tostão, apesar de, na praia, haver muitos "caramelos" e "barquillos" que êle conhece apenas de nome e de vista...

Assim, espera juntar dinheiro para comprar um fato novo para ir à escola, pois, inteligente como é, depressa aprenderá a lêr, preparando-se para a vida.



Lima Pereira.

ACTUALIDADES



PORTUGAL. EM AFRICA—Comemorando a campanha do Sul de Angola em 1914-15, realizou-se na Sala do Risco do Arsenal de Marinha, uma sessão solene, tendo sido entregue a medalha de ouro de Valor Militar ao sr. capitão de mar e guerra Afonso Cerqueira, que comandou o Batalhão de Marinha na referida campanha. Assistiram numerosos oficiais do Exército e da Armada, antigos combatentes, e muitas senhoras. A sessão foi presidida pelo sr. ministro da marinha



CORRIDA DE AUTOMOVEIS—No Casino do Estoril realizou-se há dias a distribuição dos prémios aos vencedores da II Grande Prova de Resistência e Turismo. A fotografia que publicamos, foi tirada no momento em que a distinta desportista malame La Caz de Noronha, recebe uma das Taças que lhe coube. No final da distribuição, vários oradores usaram da palavra exaltando o brio e o heroísmo da prova e as qualidades dos concorrentes



BANQUETE DE HOMENAGEM—Com carácter íntimo, efectuou-se no dia 5 deste mês, um banquete em homenagem ao sr. comandante Pereira da Silva, antigo ministro da marinha. Em nome dos oficiais presentes, falou o sr. almirante Augusto Otório que, saudando o homenageado, lembrou os altos serviços prestados por ele à Armada. Agradeciu o sr. comandante Pereira da Silva as palavras elogiosas que lhe foram dirigidas. No final do repasto, foi-lhe entregue uma mensagem, assignada por todos os presentes

O professor Adelino Padesca, mestre ilustre na medicina, "formou-se" na Escola de Lisboa em 1908. Pertenceu ao famoso "curso", irrequieto, irreverente de boémia, que há dias celebrava as suas "bodas de prata" com banquetes e cerimónias, em que se afirmaram vivas e frizantes: a amizade entre todos os médicos; o respeito carinhoso pelos velhos mestres; a saudade dos tempos da desaparecida Escola; — e ainda a graça, contudente de oportunidade, de alguns dos clínicos.

Queimaram-se os "cães", isto é, as dívidas que, em 25 anos de profissão, os clientes curados tinham em não pagar. Ora, o dr. Padesca, de seu feitio concentrado e de poucas falas, "botou discurso", e nêle se resume: muita sinceridade em dizer o que foram os tempos antigos dos estudantes de medicina e o que são os de hoje. O discurso foi proferido no banquete que se realizou no Estoril, no



O CURSO MÉDICO DE 1908, ESCOLA DE LISBOA, NO ANO DA FORMALIZAÇÃO

De pé: Correia Ribeiro, Francisco Formosinho (falante), Leiria Pinto (falante), Torres Pereira, Luis de Avelar, José Gervasio (falante), Morais Leite, Barbosa Praxinos, Adelino Padesca, Camargo Pires (falante), Osório Nogueira, Machado de Alameda, Aires Pacheco, Moreira de Carvalho, Francisco de Lencastre e Agostinho Gomes, sentados: Brito Chaves, Costa Pereira, Tovar de Lemos, Abel Pinheiro Lopes (falante), Antonio dos Santos, Virez de Almeida, José Pontes e Costa Viegas.

Palácio Hotel, com a presença dos ilustres professores de há 25 anos e sob a presidência do nosso colega dr. José Pontes, que, no final, mais como jornalista do que como estudante de 1908, exaltou, em termos calorosos, a solidariedade dos médicos antigos, que, na vida social moderna, têm, constante e desinteressadamente, acompanhado as obras de assistência e colaborado no bom

humanitarismo que a imprensa defende, através das suas iniciativas de amparo aos humildes.

Disse, o professor Padesca:

"Caros condiscípulos e amigos: Prestes a terminar êstes fugazes momentos, em que revivemos o passado, permiti, meus senhores, que na qualidade de mais novo e de mais modesto dos condiscípulos vos abraçe a todos num comovido e fraterno abraço.

Há bons trinta anos que nos conhecemos e esquecidos de todo, desse quarto de século que, num galopar vertiginoso tão depressa correu, aqui viemos reunir-nos para recordar afinal os nossos desocupados tempos de estudantes.

Vem à nossa memória o passado tão distante: sombras esfumadas e confusas tomam a forma nítida e clara das realidades vivas: a velha Escola Médica, pardieiro infecto, a par do casarão monstruoso do Hospital de S. José, é o teatro das nossas expansões, das nossas confidências das incertezas angustiosas dos exames.

As magestosas árvores do pátio na serenidade augusta da sua força, acolhiam na benévola sombra os anseios da nossa mocidade e pareciam, no ramalhar, que nos acompanhavam nas alegrias e tristezas, nas nossas revoltas e projectos; e tão depressa pareciam escarnecer do vozeirão arquibélico do "Pai da Anatomia", como passar ante aquela audácia de queimar e enterrar solenemente os ossos do João Franco, por ocasião de uma greve.

Ali se viveram horas de rubra indignação quando o Conselho Escolar resolveu fazer-nos perder o ano a todos, pela outra greve: a do internato; e lá porque o General Treppoff varria então à metralha as ruas de S. Petersburgo, vá de o emparceirar ao nosso barbudo Bettencourt Raposo, aquele lente de temíveis argúcias que, de ora em quando víamos descer, misterioso e complicado, da lendária azemola...

Foi por entre aqueles carcomidos troncos amigos, que nos reunimos para pran-

tear tão sentidamente a morte do grande e austero Serrano e conspirámos para demolir o velho e sujo edifício que servia de pano de fundo às lições de higiene de Ricardo Jorge; e lá se discutiram os concursos de cirurgia, com cortes operatórios no cadáver e cortes profundos e irreverentes nas casacas dos candidatos. Para além do edifício, a mole hospitalar e o caminho para a Morgue, onde Silva Amado guardava então avaramente as carbonizadas vítimas da Madalena, só para assegurar o conveniente treino das nossas pituitárias.

E agora digam-me, caros colegas, se não parece que foi ainda há pouco que remirámos por todos os lados aquele automóvel vermelho e cardinalício, de onde surdia, amaranlada e negra, a farta cabeleira do Morcirlinha, ministro da marinha?

E os formidáveis banquetes no quarto dos estagiários, com demonstrações de luta japonesa pelo Raku, que iam ao ponto de acordar aquele nosso visinho, o capelão de serviço, um justo habituado a capelão através de todas as eventualidades!

MATANDO SAUDADES... AS "BODAS DE PRATA" do curso médico de Lisboa de 1908

Como que vem ainda subtilmente até nós aqueles corajosos desafios ao curso, que intervalam as prédicas do nosso bom Oliveira Feijão sobre as "fracturas", o cheiro dos excelentes havanos de Carlos Tavares e a dignidade nobre e aliava de Alfredo da Costa...

Subtilmente também, deslizávamos como sombras para ingressar à sucapa nas enfermarias do Craveiro Lopes, do Belo Morais, do Ravara, do Melo Breyner e de tantos outros Directores amigos, só para não esbarrar com o fiscal,

o Pombalino; e quantas vezes não tivemos de ir buscar algum refúgio, pelos desvãos, se é que não íamos atravessar com inoportuno interesse, por meio da cozinha, aquela vasta quadra enevoadá onde havia um ritual desconchavado com acompanhamento de espantosos barulhos de panelas e caldeirões, celebrando os preceitos bromatológicos, ditados pelo Curry Cabral.

Minúsculo pelo número, mas por isso mesmo bem unido, viveu à sombra da velha Escola o nosso curso, cinco anos de alegre camaradagem, cada qual no anelo do seu bom futuro. Como uma fatalidade, mal acabaram os últimos exames, cada qual seguiu diferente trajectória no exercício prático da clínica e hoje há entre nós representantes activos de quasi todas as modalidades da medicina.

Não sei porque não nos reunimos no decénio ou no vinténio, como é de uso. Foi preciso que passassem 25 anos de vida profissional, para que o facto se desse, perdidos agora seis dos nossos colegas e sumidos para sempre na Eternidade muitos dos nossos Mestres. Oh, quantas canseiras e quantos anos já, de luta, vividos dia a dia, na escabrosa senda da vida! Quanto sofrimento aliviado, quantas ilusões desfeitas, quanto ingratitude!... Aquela energia moça, cheia de audácia e de fé, vai desbaratada por nós, na nossa acção sobre a inércia do ambiente, durante largos anos e por uma maneira pródiga.

E, se fôsse possível dar balanço ao que cada um de nós tem no activo da sua vida, em realizações práticas e depois em conjunto, a acção dos do nosso pequeno curso, no meio em que temos vivido, creio bem, caros condiscípulos, que nos poderíamos orgulhar pela farta acção benéfica que todos derramado, desinteressadamente, sobre tudo o que nos rodeia.

Bastaria a Grande Guerra e os seus horrores e as suas consequências, a série enorme de catástrofes públicas, de movi-

mentos sediciosos de vária ordem, as epidemias que temos atravessado, para as quais temos a nossa contribuição sem hesitações, para marcar bem os benefícios que temos elevado e dispendido em prol do nosso semelhante.

Nas várias obras de assistência, de higiene, de ensino médico e de progresso da própria medicina, têm marcado os do nosso pequeno curso sempre decididos, entusiastas, animados dum fé, que tudo resolve. Meus senhores: Num quarto de século todo se modificou — instalações, transportes, costumes, e a própria Medicina. A época é de crise e abundam os médicos amadores e deturpadores comercializados dos puros e sempre nobres fins da nossa Ciência e da nossa Arte de curar.

Duma maneira geral, viu-se mesmo que ao estudo sólido dum pequeno ramo da actividade humana se tem substituído o conhecimento ligeiro, mais que superficial de variados assuntos e a vida tem seguido para as gerações, mais veloz e mais excitada, digamos desorientada, nas incertezas da hora que passa. E a hora vai envolta em nebulosidades que não deixam ver nada do que se avizinha!

Há, porém, um rumo certo a seguir-nos no meio destes redemoinhos de Ideias e de Técnicas: é de que a Medicina é velha como a Humanidade e acompanha-a através dos progressos ou dos retrocessos; não basta querer aliviar os sofrimentos e curar os males, é preciso sabê-lo fazer

com inteligência e com experiência e é preciso, sobretudo, que, a dar alma e vida a estas qualidades, o verdadeiro médico, tenha a dirigi-lo uma certa intuição que nasce com cada um de nós, cresce e desenvolve-se constantemente pelo estudo e pela aquisição de nossos conhecimentos mas que tem nas suas raízes aquele prazer espiritual e íntimo que é o gosto pelo bem-fazer.

Colegas e amigos: Acorrentado, ainda hoje aos estudos médicos, eu venho pedir-vos agora, que me acompanheis numa saudação aos nossos Mestres da velha Escola, pois foram êles que, ao lado dos já desaparecidos, nos dêram as boas-sugestões dos primeiros passos na profissão, com uma elevação de ideias e com uma firmeza de carácter que nos tem acompanhado pela vida fóra, neste sacrifício perpétuo do nosso bem-estar, ao alívio e cura dos nossos semelhantes.

Brindemos também, pela mocidade uni-



OS QUE ASSISTIRAM AO BANQUETE DOS 25 ANOS REALIZADO NO ESTORIL

De pé: dr. Moreira de Carvalho, dr. Brito Chaves, dr. Costa Pereira, professor dr. Celestino da Costa, dr. Gonçalo Nogueira, professor dr. Francisco Ferrás, dr. Tovar de Lemos, dr. Aires Pacheco, dr. Francisco de Lencastre, professor dr. Adelino Padesca, dr. Correia Ribeiro, Sr. João de Torres Pereira, Sr. Costa Viegas, dr. Virez de Almeida, Sr. Agostinho Gomes, professor dr. Miguel dos Santos, Sr. Moreira de Carvalho, Sr. Aires Pacheco, Sr. Tovar de Lemos, Sr. Agostinho Gomes e dr. Miguel dos Santos.

versitária, pelos futuros colegas, que como nós, se preparam actualmente para trilhar, em época bem mais difícil, os mesmos caminhos, por nós já passados.

E, finalmente, para vós, meus caros condiscípulos, eu reservo um grande brinde, por todos os vossos triunfos, por todas as vossas prosperidades, por todo o vosso bem-estar e o das vossas famílias e também o voto de que este dia de hoje, remoe em nós as forças e as energias de que necessitamos, para que ainda alguns dos nossos, venham a celebrar um dia, bem velhinhos, umas sonhadas bodas de ouro...

As festas das "boda de prata" tiveram — a nota enternecedora dum missa na Igreja de S. Domingos por alma de antigos condiscípulos; — o tocante descerramento dum placa em memória de mestres e médicos falecidos, colocada numa parede do átrio da Faculdade de Medicina, e que motivou um discurso emotivo do dr. José Pontes e a resposta, cintilante de eloquência, do professor Sobral Cid;

— um almôço de alegre confraternização em Cintra, com discursos "de minuto" e piadas "a toda a hora"; — um ruído passeio em "camioneta de luxo", gentilmente cedida pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, isto porque, para melhor confraternização, foram dispensados os automóveis pessoais dos respectivos clínicos; — um banquete no Estoril, caprichosamente organizado pelo amigo dos médicos, e nosso, o grande animador dos Estoril, o sr. Guilherme Cardim, em que se ouviram, presos de emoção, rememorando na saudade dos tempos idos: o dr. Tovar de Lemos, o feliz autor da "queima dos cães", espirituoso, falando "a sério, de amizade que nunca se perde e sempre se cria; dr. D. Fernando de Lencastre, aristocrata de maneiras e democrata de pensamentos nobres e benéficos; professor Salazar de Sousa, sempre bom e sempre leal; professor Augusto Monjardino, a quem as dedicações pe-

los companheiros de velhos tempos representam obrigações de sempre; dr. Correia Ribeiro, constante fidelidade às amizades velhas; professor Celestino da Costa, com a sua preocupação de bom ensino; professor Sobral Cid, consciente do seu valor profissional e da sua inteligência diplomática de director da Faculdade; dr. Brito Chaves, hibrante de espírito crítico; dr. Torres Pereira, com a sua psicologia de bom e autêntico português; dr. Azevedo Gomes de sorriso franco e dr. José Pontes, bulçoso de acções e comunicativo nos discursos.

As festas foram de alegria e de tocante recordação pelos tempos da velha Escola... que já não existe por infelicidade, segundo se diz, da Medicina portuguesa.

Como informação inédita, diremos que o requerimento feito a S. Pedro para cobrar no céu, as dívidas que na terra, foram impossíveis de cobrança, teve uma resposta alegre do "porteiro do céu". A maioria dos doentes que deviam estar por lá não pagavam, nem na celeste mansão! S. Pedro mandou dizer ao dr. Tovar de Lemos:

Se não fôsse alguns médicos —
— Abêlicos e poucos mais
Fechava de vez as portas
E corria-lhes os sapatos

Vê se arranjas um baú
De algum sistema moderno
Que em vez de subir ao céu
Desça ao fundo do inferno



O grupo do Club de Foot-ball «Os Belenenses» por ocasião da vitória em 1923.

A POPULARIDADE DO FOOT-BALL E O CAMPEONATO DE PORTUGAL

1923 - Em Faro: Sporting Club de Portugal bate a Associação Académica, de 4-0.

1924 - Em Lisboa: Sporting Club Olanhense bate F. C. Porto, por 4-2.

1925 - Em Viana do Castelo: F. C. Porto bate Sporting Club de Portugal, por 2-1.

1926 - No Porto: Sport Club Marítimo bate C. F. Belenenses, por 2-0, em desafio abandonado pelos Belenenses aos vinte segundos da segunda parte.

1927 - Em Lisboa: C. F. «Os Belenenses» bate Vitória F. C., por 3-0.

1928 - Em Lisboa: Carcavelinhos F. C. bate Sporting Club de Portugal, por 3-1.

1929 - Em Lisboa: C. F. «Os Belenenses» bate União, por 3-1.

1930 - Em Lisboa: Sport Lisboa e Benfica bate F. C. Barreirense, por 3-1.

1931 - Em Coimbra: Sport Lisboa e Benfica bate F. C. Porto, por 3-0.

1932 - Em Coimbra: F. C. Porto bate C. F. «Os Belenenses», por 2-1, após jogo empatado por 4-4.

1933 - Em Lisboa: C. F. «Os Belenenses» bate Sporting Club de Portugal, por 3-1.

O Sport Lisboa e Benfica notabiliza-se por haver sido o único grupo que conseguiu manter o título em seu poder durante duas épocas consecutivas.

O Sporting foi o club de Lisboa que primeiro participou do torneio nacional, que de 1922 a 1926 era reservado aos campeões regionais. Nessa qualidade jogou contra o F. C. Porto em 1922, perdendo 1-2 no Porto, ganhando 2-0 em Lisboa, mas perdendo novamente, 1-3, o desempate sorteado para a capital nortenha e desenhado num ambiente de triste recordação.

No ano seguinte conseguiu a desforra, desbaratando o F. C. Porto, em Coimbra, por 3-0, na meia-final, e na final na Associação Académica por idêntico resultado.

Faziam parte da sua primeira categoria jogadores: Cipriano Nunes, Joaquim Ferreira, Jorge Vieira, José Leandro, Filipe dos Santos, Henrique de Portela, Alfredo Torres Pereira, Jaime Gonçalves, João Francisco Maia e os já falecidos Francisco Stomp e Emílio Ramos.

Afastado da competição em 1924, época em que a representação da capital re-

cau no Vitória de Setúbal, e ela voltou em 1925 aureolado novamente com o título de campeão lisboeta, alcançando a final para ser uma vez mais batido pelo F. C. Porto e por um arbitro de honestidade duvidosa.

Em 1926 conquistou o Belenenses o título regional, estreando-se por esse motivo no campeonato máximo; após haver desbaratado os Leões de Santarém, Espinho e Olanhense, sucumbiu ante o Marítimo do Funchal abandonando o campo aos vinte minutos da segunda parte, em protesto contra uma decisão do júri.

A partir de 1927, regulamentado da maneira diferente a prova nacional, os dois clubs passaram a nela figurar na categoria dos isentos.

Nessa época o Sporting venceu Portalegre e Associação Académica de Coimbra, desaparecendo no quarto de final batido pelo Vitória; o Belenenses, melhor apetrechado, galgou Santarém, F. C. Porto, Marítimo, Benfica, encontrou o Vitória na final e venceu-o por 3-0. (Assis, Azevedo, Marques, Almeida, Augusto Silva, Cesar, F. António, Ramos, Silva Marques, José Luís e o desditoso José Manuel Soares).

Em 1928 a situação reciproca invertiu-se, sendo o Sporting finalista e o Belenenses eliminado nos quartos de final pelo Vitória, após vitórias sobre o Luso do Barreiro e o Leça.

Os sucessivos adversários dos leões foram Torres Novas, o extinto Império, Barreirense, Vitória e por último Carcavelinhos que, ao contrário da expectativa geral, o derrotou por 3-1.

Em 1929 conseguiu o Belenenses repossar-se do título, batendo na final o União Lisboa por 2-1, e anteriormente Benfica, Carcavelinhos e Vitória. Alinharam na final: João Tomaz, Moraes, Belo, Almeida, Augusto Silva, Rodrigues, Ramos, J. M. Soares, Silva Marques, Rodolfo, José Luís.

O Sporting chegou nesse ano à meia-final, onde o União o eliminou, tendo sido seus anteriores adversários, o Coimbra, F. C. Porto, Lusitano de Vila Real de Santo António.

Na época seguinte foi o Sporting afastado logo ao segundo jogo pelo Vitória, vencendo apenas a Academia de Coimbra. O Belenenses atingiu as meias finais,



A 1.ª categoria do Sporting Club de Portugal, finalista do campeonato nacional.

apoz vitórias sobre o Olanhense, F. C. Pórtio e Marítimo, mas sucumbiu ante o Barreirense.

Em 1931 os clubs não participaram do campeonato devido ao conflito então existente entre a Federação e a Associação de Lisboa. Recompensas as coisas, voltaram à actividade em 1932, batendo na primeira jornada o Lusitano de Évora e o Operário de Santarém.

Colocados pela sorte frente a frente no oitavo de final, o Belenenses derrotou estrondosamente o Sporting por elevados scores; desembarçou-se em seguida do União e do Barreirense, mas não conseguiu vencer na final o F. C. Porto, apesar de um primeiro empate arrancado em condições que demonstram no grupo uma enérgica energia e uma força moral indefectível.

A fim de ficar gravado nesta página o que foi o encontro Belenenses-Porto, na tarde de 2 deste mês, damos a seguir o alinhamento dos grupos:

Belenenses — Moraes; Simões e Belo; Almeida, Rodrigues Alves e César; Alfredo Ramos, Heitor, Rodolfo, Bernardo e José Luís.

Sporting — Dyson; Jurado e Serrano; Varela, Rui Araújo e Faustino; Mourão, Mendes, Gralho, Abelhinhã e Valadas.

Na época presente os dois clubes, uma vez mais, foram os grandes defensores do foot-ball lisboeta, desbaratando quantos obstáculos encontraram no caminho para alcançar a suprema aspiração.

Ambos merecem os agradecimentos do povo da capital pelo espectáculo que lhe proporcionaram e pela satisfação há tanto ambicionada de uma superioridade absoluta, traduzida por uma final inteiramente lisboeta.

O Belenenses venceu com mérito e ostentará com brio o título de nobreza que soube arrancar à vontade de um adversário valoroso. Mas o Sporting perdeu com galhardia, com apuro, e conquistou em Coimbra uma bracha de louros que o compensarão, em parte, da desilusão derradeira.

Salazar Correia.

O encontro final do décimo segundo campeonato nacional de foot ball, jogado em 2 de julho no campo do Estádio, entre o Club de Foot-ball «Os Belenenses», e o Sporting Club de Portugal, foi indubitavelmente uma das mais brilhantes manifestações até hoje verificadas na história do desporto português.

O entusiasmo que suscitou no público lisboeta, o ambiente de que foi cercado, a correctíssima actuação dos contendores, — dentro do mais rigoroso espírito desportivo, — envolveram o encontro numa atmosfera de excepcional brilhantismo, bem digna de ser posta em relevo.

Lisboa há três anos estava privada do espectáculo ambicionado de uma final do campeonato máximo. A subida de classe do Foot-ball Club do Porto, guindando-o anos sucessivos ao último escalão, e a determinação regulamentar de disputa do último partido em cidade neutra, arrastaram as finais de 1931 e 1932 para Coimbra.

Este ano as circunstâncias encaminharam-se de maneira diferente, destroçando todas as previsões dos técnicos e até das entidades oficiais. A magnífica vitória do Sporting sobre os portuenses, campeões da época anterior, trouxe para Lisboa a certeza do título e a satisfação de albergar um jogo que ninguém lhe concedia e que entre si disputavam Coimbra, Viseu, Braga, Santarém, Viana do Castelo e Tomar.

Era uma nova versão da história da pele do urso...

Os jornais portuenses, dando provas de uma confiança absoluta nos seus representantes, chegaram a discutir, na véspera do jogo de desempate Sporting-Porto, as características do encontro final tomando como contendores certos, Belenenses e F. C. P.

A própria Federação indicou o campo do Arnado, em Coimbra, como cenário da final.

O Sporting, cujos jogadores tomaram nessa tarde a sério o seu epíteto popular de leões, criaram o impossível e arrancaram um triunfo, representativo da maior proeza, da mais gloriosa proeza, deste torneio de 1933. Por 3 bolas a 1, afastou da competição os campeões do norte, que digeriram mal a derrota e cujos dirigentes sossobraram no ridículo de um protesto sobre uma pretensa falta de três

centímetros nas dimensões legais das balizas. Assim, quando já o não esperava, o público lisboeta viu classificados para o jogo decisivo dois grupos conterrâneos, e recebeu como um brinde o direito de assistir a esse jogo.

Reconhecemos que soube corresponder com rara galhardia a tal favor do destino.

O Estádio do Lumiar registou uma das suas maiores enchentes, uma enchente de jogo internacional. Pode computar-se com segurança em mais de 25.000, o número de pessoas entradas, e o espectáculo desta multidão buliçosa e entusiástica valeu mais do que a qualidade de jogo no terreno central, nervosa e incerta como em todas as ocasiões de grande responsabilidade.

Os clubs finalistas formam com o Foot-ball Club do Porto e o Sport Lisboa e Benfica, o grupo das colectividades desportivas que melhores tradições conservam na história do campeonato nacional de foot-ball, iniciado em 1922 com a participação única dos campeões regionais do Pórtio e Lisboa.

De então para cá a lista dos vencedores estabelece-se como segue:

- 1922 - Foot-ball Club do Porto.
- 1923 - Sporting Club de Portugal.
- 1924 - Sporting Club Olanhense.
- 1925 - Foot-ball Club do Porto.
- 1926 - Club Sport Marítimo.
- 1927 - C. F. «Os Belenenses».
- 1928 - Carcavelinhos Foot ball Club.
- 1929 - C. F. «Os Belenenses».
- 1930 - Sport Lisboa e Benfica.
- 1931 - Sport Lisboa e Benfica.
- 1932 - Foot-ball Club do Porto.
- 1933 - C. F. «Os Belenenses».

Nestes doze anos de existência, os encontros finais foram disputados em Lisboa (6 vezes), no Pórtio e em Coimbra (2 vezes), em Viana do Castelo e Faro (1 vez).

Os clubes que maior número de vezes ascenderam a essa hora foram: C. F. «Os Belenenses», F. C. do Porto, Sporting C. de Portugal, cada um deles cinco vezes, os dois primeiros vencendo três e perdendo duas, o último triunfando apenas em 1923.

Eis a tabela dos jogos decisivos do campeonato de Portugal:

1922 - No Porto: F. C. Porto bate Sporting Club de Portugal, por 3-1.



Em cima: Ferreira, o ex. Presidente dos jogadores, troca com a comissão de arbitragem o título de campeão nacional. — Em baixo: um jogo do Sporting, Serrano sobre um jogador adversário.





Pedro
e Paulo
dois
actores
de palmo
e meio



O que chamamos *expressão*, será a luz imaterial mas visível da vida, ou, tão só um seu afloramento à superfície, uma sua transparência, um seu reflexo?

A vemos bem, ela confunde-se com a Arte. Esta não passa da expressão que o Artista propaga à matéria — mesmo à matéria sonora —, transmitindo-lhe um pouco da sua alma. Como a linha das coisas inertes e inexpressivas; as feições seriam contornos mortos, automáticos, se as não iluminasse essa luz. Nela transparece, vibra, toda a gama dos sentimentos, toda a escala emotiva que vai da alegria mais intensa à dor mais aguda; todos os instintos — enfim, toda a cromática, toda a sinfonia duma vida.

E, sendo a sua transparência, é o seu registo, o seu estigma e, portanto, o seu espelho. Na expressão se reflecte, e imprime, o cansaço ou a saúde, a alegria ou a dor, o optimismo ou a tragédia duma vida; o seu âmago suave, ou a sua entranha patibular.

Consegue-se falsear, iludir uma expressão, porque nada há mais móbil, mais cambiante, mais maleável. Mas essa falsificação não dura mais do que um momento, e o colorido da verdade transparece, porque também nada mais espontâneo do que uma expressão. As notas falsas de turpam, deslocam-se nessa música, luminosa, transparente, em que a vida interior se revela.

Assim, admitimos melhor a mentira das palavras do que a mentira da expressão.

As expressões duma criança

A máscara do Cínico é a sua única sinceridade, a sua maior confissão. A sua amabilidade assemelha-se à expressão da ternura num sádico.

Por isso, nada mais puro, mais sensível, mais doce, do que as expressões duma criança; a transparência, o espelho cristalino, duma vida infantil.

Uma criança é uma madrugada de vida, um sol humano que desponta imaculado, do infinito, das mãos de Deus, antes de dar o colorido às flores como irisar os pântanos, despertar as pom-



bas como os ápides, iluminar a ternura como a dor, o bem como o mal. Os seus olhos abrem-se para o mundo como as flores para a luz; o céu espalha-se nos seus sorrisos como na água pura das nascentes. A criança é o homem recto que o Eclesiastes atribuiu a Deus, e o homem bom que Jean-Jacques atribuiu à natureza. E todas as gradações da vida, todos os seus contrastes, são na criança, espontaneidade, sinceridade, candura e, assim, graça. É a água da vida brotando fresca, irrequieta, grácil, ávida de se expandir, límpida como nasceu.

Oh, deixai correr, expandir-se, cabriolar, uma criança! Não sufoquem essa fonte; não obscureçam essa luz!

Olhai a expressão duma criança... Tudo nela é benignidade, sorriso, doçura, porque tudo é espontâneo, sincero, sem

falso sentido, porque, mesmo se assim chega a ser, é como a água que se furta a um escôlho, a um dique, para simplesmente correr.

Do mesmo modo, as suas birras, as suas pequeninas maldades, estas sempre gráceis como os seus mais leves trejeitos. Uma criança que se furta, é sempre como um arrôio que salta alegre, sobre seixinhos.

Uma criança que observa, que esprieta, lembra uma luzinha que desponta. Uma criança que sentencia é o mais sincero e claro dos juízes.

Nada mais suave do que a graça duma criança; nunca ela nos desperta uma gargalhada brutal, mas um sorriso agradado, desvanecido.

Os palhaços conseguem ser tão hilariantes porque deixam de ser homens para ser crianças.

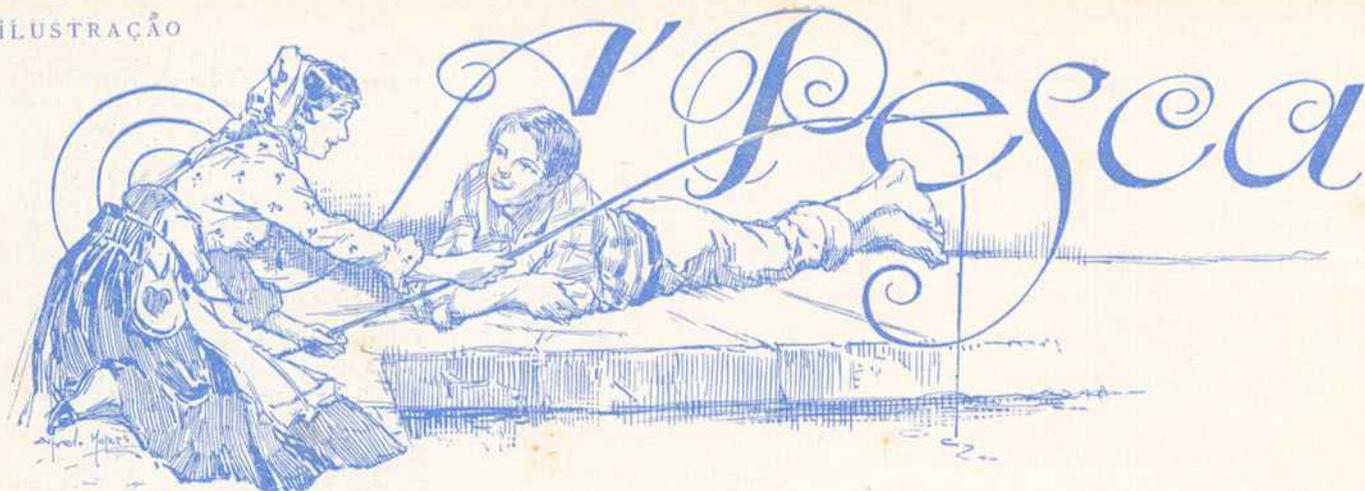
Como os anjos do Céu, as crianças são os anjos da Terra. Uns voam, os outros brincam, uns têm asas, outros quimeras; ambos são cândidos e risonhos; em ambos as penas são cristalinas. As crianças são, sobretudo, os anjos da ternura das mãis, êsse pedacinho de espiritualidade descido do céu.

Os pais revêem nos filhos quando crianças, os seus mais doces ideais, os seus mais puros enlêvos perdidos.

E, para todos nós, o sorriso, a expressão duma criança, que de lá do seu mundo de candura, nos olha cá neste mundo de cálculos, que são mentiras, é uma luz lustral de vida nova e uma purificação nesta nossa vida velha e cansada.

A.





Dois portugueses encontram-se num posto avançado da legião estrangeira.

- Que fazes por aqui?
- Como sou solteiro e gosto da guerra, alistei-me.
- Pois eu, fiz o mesmo, por ser casado e gostar da paz...

Anda um francês a passear pelos campos de Sevilha, quando um toiro investe com êle e dá uma marrada que o atira para cima duma árvore. Então, o francês, fez o seguinte raciocínio:

- Que toiro tão estúpido!... Então não me confundiu com um toureiro!

Um pato, louco de amores, enforcou-se numa árvore e os outros patos exclamaram assombrados:

- É a primeira vez que um nosso semelhante se enforca, por uma pata.

— Porque se desmanchou o teu casamento com a Júlia?

- Por eu ser pobre.
- Podias ter-lhe, dito que tinhas um tio rico, no Brasil.
- Se lhe dissésse isso, partia para o Brasil, para casar com êle.

Num colégio:

O professor — Qual é o plural de centavo?

O aluno — Um escudo.

Duma notícia de casamento num jornal da província:

«Na igreja, encontravam-se muitos parentes e amigos dos noivos e um grande número de pessoas indiferentes. Entre estas, encontrava-se o noivo!»

— Porque estás arrependido de teres feito o teu filho mais velho, advogado e o mais novo, médico?

— Porque, quando fui atropelado por

um automóvel, o médico queria curar-me e o advogado pretendia que eu ficasse inutilizado, para reclamar uma grande indemnização.

O cúmulo da economia:
Um homem chamar-se Gaspar e assinar Par, para não gastar o gaz.

A filha da dona da casa, vai junto da visita e começa a lamber-lhe o vestido:

- Que estás tu a fazer?
- Foi a mamã que me disse que o seu vestido era de mau gosto e eu estou a vêr se é verdade.

— Ó mamã, leva-me ao Jardim Zoológico para vêr as feras...

— Espera aí um bocadinho, que já vais vêr o teu pai... quando eu lhe mostrar a conta da modista.

À mesa do hotel:

- Olha que estamos num hotel, não limpes os ouvidos com o guardanapo!
- Desculpa não tinha visto os palitos.

— Descartes, tem razão. Todos os animais não são outra coisa senão máquinas.

— Só acredito nessa teoria, quando a minha máquina de escrever puzer um ovo.

— Juras, minha querida esposa, que depois da minha morte não voltarás a casar?

- Juro.
- Agora já posso morrer tranquilo, com a certeza de que depois de morto já não farei mal a ninguém.

Entre marido e mulher na estação do Caminho de Ferro:

— Vês, mulher, se te tivesses vestido

mais depressa não tínhamos perdido o comboio.

— E se tu não me tivesses dado tanta pressa, não estávamos agora aqui uma hora à espera do outro.

Numa aula de química:

- O que é o éter?
- Um líquido que faz perder os sentidos.
- Indique outro líquido que produza o mesmo efeito.
- O clorofórmio.
- Outro.
- Uma cacetada na cabeça.

— Não gosto nada de vêr sentarem-se 13 pessoas à mesa.

— Sobretudo quando a comida não chega para 12...

Um homem que tinha feito um seguro de vida de duzentos contos, viajava num paquete que se afundou, tendo sido dado por morto. Semanas depois, um irmão do náufrago, recebia um telegrama, dizendo o seguinte:

«Estou salvo. Comunica notícia a minha mulher, com tôdas precauções».

Num consultório medico:

— Pois é verdade, senhor doutor, não posso estar nem deitado, nem sentado, nem de pé.

— Então só tem um remédio. É estar de cócoras.

A dona da casa, chama a creada, que é muito bronca e explica-lhe:

— Vá ali à mercearia. Êste escudo é para açúcar e êste é para chá. Agora veja se se engana.

Passado um momento a creada volta para casa, muito atrapalhada.

- Então as compras?
- Ó minha senhora, é que eu no caminho troquei as moedas e agora já não sei qual é o escudo do chá e qual é o do açúcar.

O pescador — Lino Ferreira.

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Em Sintra, com grande brilhantismo, realizou-se na paróquia de S. Pedro, o casamento da sr.^a D. Maria Rita Corrêa Henriques (Seisal), gentil filha dos srs. condes de Seisal, com o sr. António de Lancastre Morais de Almeida (Castelo Mendo), filho dos srs. condes de Castelo Mendo.

Foram madrinhas as sr.^{as} condessa de Estarreja e condessa de Carnide, respectivamente tia materna e prima paterna da noiva e padrinhos os ilustres clínicos srs. drs. António de Lancastre e D. Fernando de Lancastre, avô e tio materno do noivo.

Celebrou o acto religioso, durante o qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, o prior de Benfica, reverendo Francisco Maria da Silva, que antes da missa fez uma brilhante alocução, sendo acolitado durante o acto pelo reverendo prior de Sintra.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido nos vastos jardins e em um dos salões do palacete da quinta Vigia, residência da avó da noiva sr.^a condessa de Seisal (D. Maria), um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para a quinta do Paraíso, em Arruda dos Vinhos, propriedade dos pais do noivo.

Aos noivos foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, que se encontravam expostas em um dos salões do palacete da quinta Vigia, entre as quais se salientavam as oferecidas pela sr.^a D. Amélia de Orleans.

Na assistência notavam-se as sr.^{as}.

D. Leonor Maria Corrêa de Sá Krupensky, esposa do conselheiro da Embaixada de Inglaterra, esposa do conselheiro da Legação de França, esposa do secretário da Embaixada do Brasil, duquesa de Palmela, marquesa do Cada-



A sr.^a D. Maria Cristina Catola da Veiga e o sr. Antonio Luis da Veiga, saindo da igreja de S. José, onde se realizou o seu casamento

val e filhas, marquesa da Praia e Monforte, marquesa de Ficalho e filha, condessa de Bertandos, condessa do Cartaxo (D. Maria), condessa de Arnoso, condessa das Antas, condessa de Taboiera, condessa da Castanheira, condessa de Sant'Iago, condessa de Estarreja e filha, condessa de Castelo Mendo, condessa da Lousã (D. Ema), condessa de Robilant, condessa de Carrobio, condessa de S. Mamede, condessa de Carnide e filha, condessa de Vale de Reis, condessa da Póvoa, viscondessa de Asseca, D. Luzia Patrício de Fratel, D. Beatriz de Lancastre, D. Maria de Lancastre Van-Zeler, D. Livia Braamcamp de Melo Breyner e filha, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, D. Camila de Paiva Raposo, D. Maria Luíza de Melo Ulrich, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão, D. Carolina Corrêa de Sá Pais do Amaral e filha, D. Maria Teresa de Lima Mayer de Magalhães, D. Natália Muñoz y Puig, D. Judite de Sousa e Faro de Lancastre e filha, D. Maria Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Angelã Carvajal Teles da Silva, D. Maria Isabel de Sousa Rêgo de Campos Henriques, D. Maria Antónia de Melo Portugal, D. Maria Bruno de Heredia, D. Maria Luíza Diogo da Silva Teixeira e filha, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Emilia Palma de Atouguia, D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, D. Ana Reynolds de Sousa de Lancastre, D. Maria Luíza Meireles Posser de Andrade, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha e filha, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Balsemão, D. Maria Madalena de Castro Pereira e filha, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Roxane de Serpa Pinto de Lancastre Freitas, D. Isabel Ulrich de Castro Pereira, D. Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Helena de Lima Mayer Corrêa Henriques, D. Maria Benedita de Castro Pereira Ulrich, D. Marguerite Flanet, D. Maria Emilia de Melo Osório (Proença-a-Velha), D. Teresa de Melo Ulrich, D. Judite Benjamim Pinto, D. Rita e D. Maria de Lima Mayer, D. Helena, D. Filipa e D. Isabel de Lancastre (Lousã), D. Elisa, D. Adelaide e D. Angélica Melo de Castro (Pernes), D. Cecília de Castro Pereira do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Isabel Van-Zeler de Foure, D. Simone Legrand, D. Nazaré Centeno Gorjão Henriques, D. Constança Tobin, Liss Rice e Fraulein Klute, etc.

E os srs.:

Encarregado dos Negócios da Noruega, conselheiro da Embaixada de Inglaterra, conselheiro da Legação de França, secretário da Embaixada do Brasil, marquês do Cadaval, marquês da Praia e Monforte, conselheiro Carrobio, conde de Estarreja, conde de Castelo Mendo, conde de Sant'Iago, conde de Carnide, conde de Vale de Reis, conde de Calhariz, conde da Anadia, visconde da Trindade, visconde de Seisal, barão de Halloy d'Hocquincourt, dr. D. António de Lancastre, dr. D. Fernando de Lancastre, D. José Luiz de Saldanha (Rio Maior), D. João de Lancastre (Lousã), D. Francisco de Heredia, D. António, D. João e D. Pedro de Lancastre (Lousã), D. António de Sousa e Faro de Lancastre, dr. João Ennes Ulrich, dr. João de Magalhães, Eduardo Perestrelo de Vasconcelos, dr. Eduardo Burnay, Henrique Monteiro de Mendonça, Manuel Braamcamp (Sobral), José Guilherme Portugal, Frederico Vilar, dr. Fernando Ulrich, Artur Alberto de Campos Henriques, Alberto de Sousa Rêgo, Gastão Benjamim Pinto, D. José da Camara de Saldanha (Rio Maior), Eduardo Maia Cardoso, Bartolomeu José Perestrelo de



Os noivos — sr.^a D. Maria Violante de Melo Lobo da Silveira Leitão e o sr. engenheiro João Carlos de Tavares Ferreira da Cunha — no dia do seu casamento, efectuado em Borba

Vasconcelos, António Pinto Basto, Augusto Cardoso Pinto, Tomaz Pinto Basto, João Posser de Andrade, dr. Mário do Amaral Pyrralt, Guilherme de Arriaga e Cunha (Carnide), Henrique Patrício Balsemão, José Frederico Ulrich, Francisco de Albuquerque (Mangualde), Frederico de Carvalho, João de Castro Pereira, Manoel Rebelo de Andrade, Armando da Camara Rodrigues, Nuno de Castro Pereira, Jimmi Pisano, António de Lima Mayer, Salvador Corrêa de Sá (Asseca), Francisco Corrêa Henriques (Seisal), José Guilherme de Melo Portugal, José Corrêa de Sá (Asseca), José Corrêa Henriques (Seisal), Alexandre Pinto Basto Ribeiro da Cunha, Manuel Gomes Palma, João e Jaime de Lancastre Freitas, Barney de Boulav, Manuel e Rui Corrêa Henriques (Seisal), Carlos de Vasconcelos e Sá, etc.

EM BORBA

Na capela do palacete da sr.^a D. Catarina de Melo Lobo da Silveira Leitão, e do abastado lavrador e ex-presidente da Câmara Municipal de Borba, sr. João da Silveira de Sousa Couto Leitão, realizou-se com grande esplendor o casamento de sua interessante filha D. Maria Vilante, com o capitão de engenharia sr. Carlos de Tavares Ferreira da Cunha, secretário do ministro da Instrução, filho da sr.^a D. Maria da Conceição Tavares Ferreira da Cunha e do engenheiro sr. José Tavares Ferreira da Cunha.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria José da Silveira Leitão da Costa Campos e D. Maria Izabel Charters do Couto Leitão, tias da noiva e de padrinhos os srs. João Carlos Tavares da Cunha Cabral, e o engenheiro Agostinho Tavares Ferreira da Cunha, respectivamente tio e irmão do noivo.

O acto religioso foi celebrado por Sua Excellência Reverendíssima o senhor arcebispo de Évora, D. Manuel da Conceição Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua

Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido no salão de mesa, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois em automóvel, para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

Na assistência notavam-se as sr.^{as}:

Condessa de Almofter, condessa de Nigra, D. Maria Tavares de Ataíde, D. Paulina Ramos de Abreu, D. Maria de Saldanha Cruz, D. Alda Fraga de Sacadura Botte, D. Maria do Anjo Barahona, D. Maria do Carmo Lima, D. Maria de Melo Lobo da Silveira, D. Maria José da Silveira Leitão da Costa Campos, D. Maria Isabel Charters do Couto Leitão, D. Maria de Avelar Lobo da Silveira, D. Maria da Conceição de Tavares Ferreira da Cunha, D. Maria Francisca de Tavares Ferreira de Lima, D. Maria Isabel de Tavares Ferreira da Cunha, D. Ana Reynolds de Sousa de Lancastre, D. Alzira Pereira Ramalho Ortigão, D. Maria Maxima, D. Maria Isabel, D. Maria Amélia de Melo Arriaga Tavares, D. Maria da Graça, D. Eliza Reynolds de Sousa Azevedo (Algés), D. Eliza Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Benedita da Silveira da Costa Campos, D. Ernestina Freire Temudo, D. Nera Carneiro, D. Maria Antónia Vieira da Silva Paiva, D. Berta Bastos de Mendonça, D. Cristina, D. Maria de Lourdes da Graça Vieira da Silva, D. Isabel Bastos Reynolds, D. Berta de Castelo Branco, D. Beatriz, D. Maria da Conceição Sepulveda Veloso, D. Maria Caldeira de Castelo Branco, D. Maria Amélia de Sousa Teixeira, D. Maria Calado de Castelo Branco, etc., etc.

E os srs.:

D. Manuel da Conceição Santos, conde de Almofter, conde de Cabral, conde de Nigra, dr. Manuel Amador Valente, dr. Luís Lopes da Costa, dr. Francisco Girão, dr. José Maria de Sacadura Botto, D. Agostinho de Câmara de Noronha (Paraty), D. Alexandre Lobo da Silveira, dr. João de Lancastre (Louzã), D. José de Castelo Branco, D. Gil de Melo Guedes (Foz), dr. Alcaide Sacadura Cruz, dr. José Ramos de Abreu, dr. João de Tavares de Atayde, Nuno Teles da Silva (Tarouca), Artur Norton, João de Sacadura Botto, Acácio Pais de Brito, Capitão José Ferreira Lima, José de Tavares Ferreira da Cunha, Luís Garcez da Costa Campos, Filipe Couto Leitão, Luís Candido de Tavares Ferreira da Cunha, João Carlos de Saldanha Figueiredo, João Carlos de Tavares da Cunha Cabral, João Ramalho Ortigão, José de Paiva, José Sepulveda Veloso, João e António Caldeira de Castelo Branco, Domingos e Henrique de Sá Nogueira, José Manuel de Sousa Teixeira, etc., etc.

— Realizou-se com muita intimidade, na paróquia de Benfica, o casamento da sr.^a D. Maria Helena Santos Marques, com o sr. Amadeu Marques da Costa Monteiro, funcionário superior das Colónias, tendo servido de padrinhos por parte da noiva sua irmã a sr.^a D. Lídia Marques da Costa Monteiro e seu cunhado o sr. Henrique Marques da Costa Monteiro e por parte do noivo sua mãe



A sr.^a D. Maria Luisa Burnay e o sr. José Burnay Soares Cardoso (Marco), no dia do seu casamento

a sr.^a D. Virginia da Costa Monteiro e seu pai o coronel sr. Joaquim da Costa Monteiro.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se com muita intimidade, o casamento da sr.^a D. Maria do Pilar Albuquerque Cabral, interessante filha da sr.^a D. Sarah Albuquerque Cabral e do coronel sr. José Ricardo Cabral, governador geral da provincia de Moçambique, com o tenente de cavalaria sr. Fernando da Silva Pais, filho da sr.^a D. Julia Cerqueira da Silva Pais e do comandante sr. António da Silva Pais, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminado o acto religioso, que foi celebrado pelo reverendo prior, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se ne elegante

residência dos pais da noiva, um finíssimo «lunche» partindo os noivos depois para o Palácio do Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de valiosos e artísticas prendas.

— Realizou-se na paróquia de Conceição Nova, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Guida de Mena Naughton, gentil filha da sr.^a D. Virginia de Mena Naughton e do sr. John Naughton, com o sr. José Felix Rodrigues, filho da sr.^a D. Elvira de Abreu Felix Rodrigues, e do sr. Eduardo Maria Rodrigues.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Ignez Soares e padrinhos o pai da noiva e o sr. Eduardo Abel Soares.

Celebrou a cerimonia religiosa o reverendo prior da freguezia que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminado o acto foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo «lunche», seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de artísticas e valiosas prendas.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Noémia Cordeiro Gomes dos Santos, filha da sr.^a D. Boémia Cordeiro Gomes dos Santos, já falecida, e do sr. António Gomes dos Santos, com o sr. José Delgado França, filho da sr.^a D. Celeste Delgado Real França e do sr. Francisco Maria Costa França, já falecido, servido de madrinhas a sr.^a D. Maria da Luz Nunes Pina e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. Dionísio Gomes dos Santos, tio paterno da noiva e Francisco Delgado França, irmão do noivo, sendo o acto celebrado pelo reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimonia foi servido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo «lunche», seguindo os noivos — a quem foram oferecidas muitas valiosas prendas — para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Em capela armada na residência dos srs. condes de Mendia, realizou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria, com o sr. D. José Mateus de Almeida de Mendia, filho da sr.^a D. Francisca de Almeida de Mendia e do sr. D. Henrique de Mendia, já falecido.

Foram madrinhas as srs.^{as} D. Maria Constança e D. Catarina de Sousa Coutinho de Mendia, irmãs da noiva, e padrinhos os srs. D. Fernando de Almeida e D. Francisco de Almeida de Mendia, respectivamente, tio materno e irmão do noivo.

Celebrou o acto religioso o reverendo Bento dos Santos Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, sendo acolitado por Francisco Luís de Sousa.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido no salão de meza, um finíssimo «lunche».

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

D. Nuno.



Aspecto do casamento da sr.^a D. Maria Rita Correia Henriques (Scisal) com o sr. António de Lancastre Moraes de Almeida (Castelo Mendu) que se realizou em S. Pedro (Sintra)

Delfim Guimarães



A morte de Delfim Guimarães enlutou as letras portuguesas. Poeta e prosador de mérito deixa algumas páginas reveladoras dum espirito de investigação notável. Estudou a fundo um problema da nossa história literária: o das poesias atribuídas a Cristóvão Falcão. Deixa uma vasta obra critica e fica-se-lhe devendo a divulgação — como editor — de muitos autores portugueses. Era alguém, não só como escritor como também como administrador. Salientou-se na última geração literária, onde o seu nome era querido e apreciado. O seu funeral constituiu uma verdadeira manifestação de saúdade.

Fernando Campos



Com o título «O pensamento contra-revolucionário em Portugal» publicou-se agora o II volume da obra que Fernando Campos se propôs levar a efeito. É uma colectanea valiosa de ensaios de doutrinas nacionalistas e integralistas tirada das obras de alguns pensadores. Revela estudo, observação e principalmente têm valor os seus comentários.

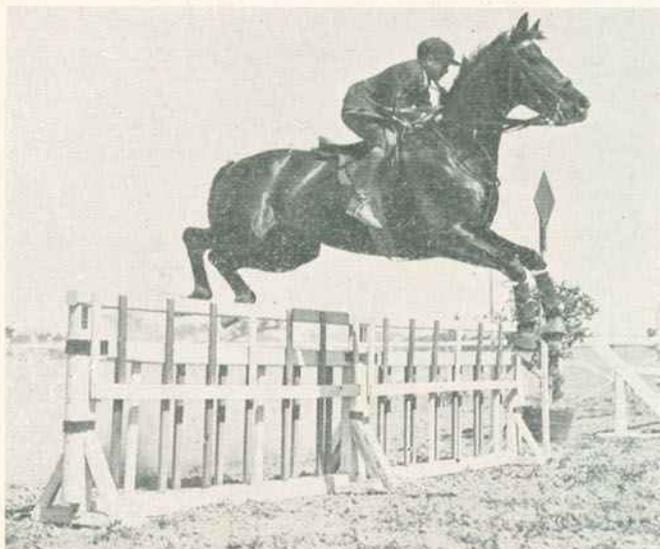
Carlos Portugal Ribeiro



«ALEXANDRE Herculano — a sua vida e a sua obra» é o título do I volume dum trabalho que o nosso presado colega na imprensa Carlos Portugal Ribeiro acaba de publicar. Para avaliar do seu valor basta ler o capítulo «Os antepassados de Herculano» que noutra lugar publicamos.

NOTICIAS DA QUINZENA

Um «cavaleiro» de onze anos



Nos últimos Concursos Hípicos Internacionais, realizados em Lisboa e Pórtio, exhibiu-se um «cavaleiro» de onze anos. Era o menino Carlos de Melo, que se mostrou, já em tão tenra idade, um hábil «calção». Ei-lo, num belo salto, montando a «casquise». Fez todo o percurso limpo. Não alcançou a primeira classificação por ter levado mais tempo do que os outros concorrentes. É seu professor o conhecido equitador Barata Valério.

Na Embaixada do Brasil



O sr. embaixador do Brasil ofereceu na última segunda-feira, no palácio da Embaixada, um banquete em honra do sr. Cardinal Patriarca. Assistiram muitas senhoras e entre outros os senhores generas Domingos de Oliveira e Vicente de Freitas, condes da Figueira e de Mafra, almirante Ivens Ferraz, Núncio Apostólico e cônego Manuel Anaquim. Discursaram unicamente os srs. Cardeal Patriarca e dr. José Bonifácio de Andrade e Silva. Como se sabe, o sr. embaixador do Brasil em Lisboa foi transferido há pouco para Buenos Aires, onde irá exercer idêntico cargo. O sr. Cardeal Patriarca aludindo a esse facto, disse que Portugal fica esperando sempre poder contar o sr. Andrade e Silva do número dos seus amigos. O sr. embaixador do Brasil, dentro de dias, oferecerá também um banquete ao sr. dr. Júlio Dantas, eminente homem da letras e ilustre presidente da Academia das Ciências. Está fazendo, desta maneira, as suas despedidas às entidades oficiais.

No liceu Nun'Álvares em Castelo Branco



RESULTOU cheia de brilhantismo a exposição escolar do Liceu de Nun'Álvares, em Castelo Branco. Foram apresentados os trabalhos escolares realizados pelos alunos durante o ano lectivo. A gravura mostra-nos os alunos delegados das diferentes turnas, acompanhados do reitor e do professor, organizador da exposição.

Sousa Costa



Os acontecimentos trágicos que vão do Regicídio ao 19 de Outubro, têm no II volume das «Páginas de Sangue», agora publicado, com o sub-título de «Buiças, Costas & C.», da autoria do brilhante escritor sr. dr. Sousa Costa, uma resenha imparcial e emocionante. É como que a história sangrenta dos últimos anos da monarquia e dos primeiros dez anos da República. É uma obra que deve ser lida por todos os que assistiram ao desenrolar desses crimes políticos e pelos que, da geração nova, dêles ouvem falar. Em todas as suas páginas se sente que o seu autor: viveu essas lutas que tanto mancharam o nome português.

Madame Castelo Lopes



A sr.ª D. Emmie de Polnay de Castelo Lopes — esposa do sr. José de Castelo Lopes — consagra-se a obras de beneficência, em especial aos infelizes cegos do Asilo-Escola Feliciano de Castilho. Ainda intimamente promoveu num cinema, uma *matinée* em favor daquela casa de caridade, tendo conseguido a quantia de 3.254\$20, produto que destinou à distribuição da «Bengala Branca», que o Asilo-Escola está fazendo a todos os cegos.

Abreu e Sousa



UM dos grandes cultores do humorismo em Portugal é sem dúvida Abreu e Sousa, que com Armando Ferreira — nosso antigo colega no jornalismo — acaba de publicar uma obra cheia de espirito intitulada «As três pancadas». São treze peças teatrais num acto, que se lêem com agrado e interesse.

A política espanhola



Está decorrendo em Madrid o julgamento dos implicados no movimento revolucionário de 10 de agosto. A nota principal foi dada pela presença, como testemunha, do general Sanjurjo, que está preso na Penitenciária del Duero.

O moderno toureiro



Na praça de Valencia, apareceu a «rejonar» em moto um conhecido novilheiro. Espeta ferros curtos e bandarilhas. É uma nova modalidade de toureiro.

Cecile Sorel abandonou a «Comedie»



Num espectáculo que ficará memorável — rendeu cerca de trezentos mil francos — fez o seu «adieux» à «Comedie», teatro onde representou durante 32 anos, a notável artista Cecile Sorel. Pela última vez fez a peça «Misanthrope» onde interpretou o papel de «Célimène».

PELO MUNDO FÓRA

24 aviões italianos voam de Itália a Chicago



No dia 1 deste mês levantou vôo de Orbetello — porto a poucos quilómetros de Roma — em direcção a Amsterdam, uma esquadilha de hidro-aviões comandada pelo general Italo Balbo. A viagem terá o seu termo em Chicago. São 24 aparelhos pilotados por 48 aviadores.

Um homem de sorte



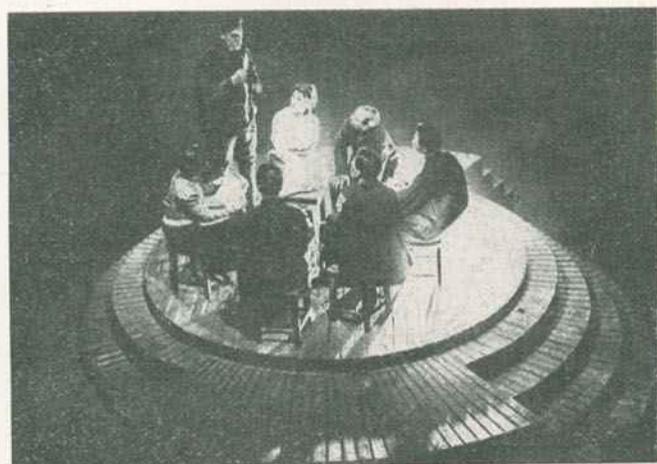
O príncipe russo Mdivani, ex-marido de Pola Negri, casou há dias em Paris, com miss Barbara Hutton, herdeira duma das maiores fortunas norte-americanas. É dos poucos russos que teve sorte...

A estratosfera



O professor Piccard — o grande sábio belga — está em Midland (América do Norte) assistindo à construção duma nova «barquinha», onde fará a futura ascensão.

A nova modalidade do teatro russo



O dramaturgo russo Zetnerwitsch, acaba de adaptar à cena russa uma obra de Gorki: «A mãe». As decorações são sintéticas, como a que reproduzimos. O palco fica situado a meio da sala. O cenário é circular e há escadarias para ir para o palco. Os reflectores estão no tecto.

O campeão de «box»



PELO MUNDO FÓRA

Os novos e os antigos fatos de banho



Lá fóra não é bem como cá... Enquanto entre nós se proíbe o uso do fato de banho, decotado e um pouco aberto ao sol, em Paris, exibem-se, em piscinas elegantes, os últimos modelos de fatos de banho — que de fatos quasi só tem o nome... Na gravura de cima, podem vêr-se as banhistas premiadas num concurso de fatos de banho. Na sua maior parte são artistas dos teatros parisienses. A Piscina Molitor — onde o concurso se realizou — encheu-se completamente. O público aplaudiu os concorrentes e victoriou os organizadores. Como se vê, as galerias estão apinhadas. Como contraste, entre esses fatos e os que se usaram em 1906, houve também uma curiosa exibição de alguns modelos de há 30 anos.

A Rússia em Londres



A Conferência Económica Mundial de Londres tem sido o assunto, em todo o mundo, durante a última quinzena. É adiada ou não? Tudo, agora, se resume nesta pergunta. Apesar das discussões se terem realizado na maior calma aparente, a América do Norte, pela atitude tomada por Roosevelt, começou a contrariar os fins para que ela foi convocada. Entretanto os delegados à Conferência observam a conduta seguida pelos representantes da Rússia: Maisky, embaixador soviético em Londres e Litvinoff, ministro de Estado...

A graça alheia



A CHISE NA ALEMANHA!
— TENHO FOME. DÊ-ME QUALQUER COISA...
— JA JUSTAMENTE DEER-LICH O MESMO...
HÁ TRÊS DIAS QUE SÃO COMO...

Em New-York efectuou-se o combate Sharkey-Carnera, para disputa do campeonato do mundo de box. O gigante italiano venceu por K. O. ao sexto assalto. As fotografias foram tiradas após a luta. Carnera ri triunfalmente.

A futura Exposição de Paris



PARIS está-se preparando para fazer uma nova Exposição Internacional. Será, segundo os projectos em discussão, uma «Feira do Mundo». Já aqui demos a maquette do «Farol do Mundo». Será uma super-torre com 700 metros de altura. A comissão organizadora está pensando no local onde deve ser edificada. Parece tudo inclinar-se para o enorme campo de manobras militares em Issy-les Molineaux. A característica do projecto é a simplicidade aliada às linhas modernas de arquitectura.

Hitler e o que vai pela Austria



A cruz suástica de Hitler aparece já pelas paredes de muitos prédios em toda a região austriaca. O automobilista, que entre por qualquer fronteira da Austria, lê pelas paredes — como se pode vêr pela gravura — o seguinte: «Abaixo Dollfuss! Viva Hitler!» Dollfuss é o actual presidente do governo austriaco. Conta com grandes simpatias em Inglaterra e é o mais feroz inimigo de Hitler. Os partidários deste, no entanto, espalham o terror. Por toda a parte aparecem cartazes e bandeiras dos «nazis».



do que o homem com os seus complexos sentimentos.

Que os animais apresentam um singular interesse histórico, já a extensa série de filmes do famoso cão «Rin-tin-tin» o prova. A moda dos filmes de feras veio demonstrar que esse interesse é tanto mais acentuado quanto mais profunda é a animalidade e mais primitivos se manifestam os instintos.

Ora esta moda dos filmes de feras, que tão bons resultados nos proporcionou já, continua a servir de pretexto em Hollywood a um numero considerável de películas que nos revelarão decerto curiosos aspectos da psicologia das feras, das suas reacções em face do homem e dos seus sentimentos.

Desses filmes um dos mais notáveis é, sem dúvida, «Kaspa» história fantástica dum homem-leão, que apresenta algumas semelhanças com «Tarzan, o homem-macaco». As influências deste ultimo filme são particularmente sensíveis no início do argumento de «Kaspa» que é, de resto, duma grande simplicidade.

Em plena selva africana uma epidemia dizima um grupo de caçadores. Apenas um garoto de cinco anos sobrevive. Daí em diante a sua vida decorre entre os leões, e é graças à protecção desses carnívoros que ele atinge a idade adulta, transformado num homem robusto. Os indígenas falam com pavor desse homem singular que entreviram já e que tem por companheiros os leões. Um dia, o

à realização do filme tem, pois, como se vê, tanto de jueril como de arrojada. Dois combates de feras e o incêndio do circo constituem os momentos culminantes da acção. Esta última parte, em especial, quando os animais em fuga espalham o pânico na cidade, foi realizada com insuperável perfeição.

Para interpretar o papel de homem-leão foi escolhido Buster Crabbe, rival de Johnny Weissmüller e como ele campeão olímpico de natação. Buster Crabbe reúne a uma plástica impecável de atleta incontestáveis qualidades de actor. A par disso, o jovem artista evidenciona uma coragem pouco vulgar exibindo-se semi-nu entre as feras que muito embora amestradas constituem um perigo real para outro que não seja o seu domador.

Desse perigo teve Buster Crabbe logo no início da filmagem uma dolorosa prova. Ao entrar pela primeira vez na jaula dos leões, um deles correu para ele e mordeu-lhe uma perna. Apesar de tão desanimadora estroica, Buster Crabbe insistiu e logrou por fim permanecer entre as feras com absoluto à vontade, obrigando-as a familiarizar-se com ele.

Um outro filme de feras que alcançou notável êxito é «Zoo in Budapest», história dum jardim zoológico em que, por motivos que vamos descrever, as feras se encontram um dia em liberdade. Zani é um empregado do Jardim Zoológico

CINEMA

AS FERAS NO "ÉCRAN"

que tem por todos os animais funda afeição, e está apaixonado por uma orfã que visita o Jardim-tódas as quintas feitas, em companhia de outras

colegas e da directora do recolhimento. Um dia, a orfã consegue evadir-se do recolhimento onde a maltratam e vai acolher-se à protecção de Zani no jardim zoológico durante a noite. Encontram aí um garoto que fugiu à governanta que o acompanhava para ver mais uma vez os elefantes e que, perdido, chorava de medo na solidão do jardim, cujo silêncio só os gritos nostálgicos das feras vêm de tempos a tempos interromper.

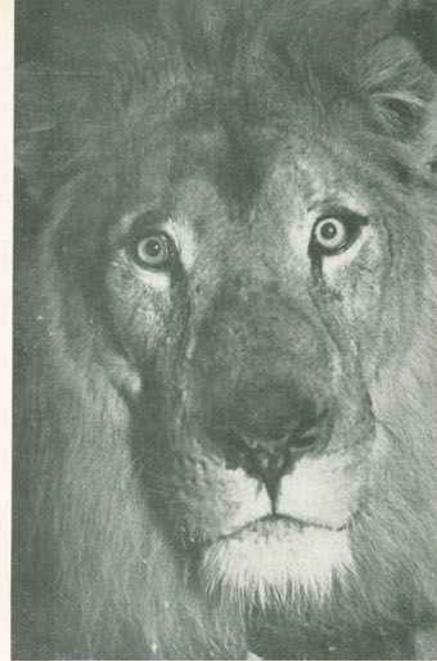
Surge nessa altura o «vilão», que para se vingar prende o guarda e procura seduzir a orfã. O garoto intenta libertar o guarda, mas engana-se nas alavancas e vai pondo em liberdade as feras. Segue-se uma espantosa confusão. As feras travam lutas sangrentas em todo o jardim há pouco tão sereno. É a revolta do jardim zoológico, em que o homem só à custa de grandes esforços impõe a ordem.

Escusado será dizer que tudo acaba bem, e que o guarda simpático à custa de enormes esforços consegue salvar o desastrado garoto de tão perigosa aventura. Este filme tornou-se especialmente notado pela beleza das suas fotografias que constituem preciosas revelações sobre a psicologia dos animais captivos.

Outros filmes do mesmo género têm sido pro-

duzidos ultimamente em Hollywood, correspondendo a um interesse do público cada vez mais marcado por este género de espectáculos. Entre eles «O harpão vermelho», filme de aventuras sobre os tubarões sanguinários dos mares austrais, «Assassínios no Jardim Zoológico» e «A grande jaula», sobre a vida arriscada dos domadores onde se exibem simultaneamente numa jaula cinquenta tigres e leões.

A voga dos filmes de feras veio, por outro lado, aumentar os riscos da profissão do actor cinematográfico. De facto apesar de todos os *trucs* e de se tratar de animais domesticados, o perigo que o actor corre ao contracenar com tão perigosas companhas não é para desprezar. O acidente ocorrido a Buster Crabbe, que acima relatamos, não é mais do que um exemplo das gravíssimas consequências que dessa aproximação podem resultar para o actor. O emprego de «duplos» nem sempre é possível. Em muitos casos é o próprio actor que tem de se defrontar com animais que, embora habituados a encoller em unhas, possuem formidáveis armas naturais. Deste modo, qualquer descuido ou gesto imprudente podem custar-lhe a vida. A intervenção dos que assistem à filmagem não seria em muitos casos eficaz. Para admirar, é, pois, que o número de acidentes não seja maior e que os actores, com notável coragem, acodem em correr tão grandes perigos. Actualmente procede-se à realização de mais um filme do género. Chama-se «Malibu» e é inspirado num romance de Vance Hoyt. As «estrelas» desta nova produção são um cervo, um urso e um puma, perigoso carnívoro americano conhecido por «leão das montanhas». A filmagem será feita nas montanhas da Califórnia onde estes animais ainda hoje vivem no estado selvagem. São pois as grandes feras que dominam hoje os «écrans» de todo o Mundo. O cinema, farto de rebuscar velhos temas humanos, volta-se agora para os dominadores da floresta e à sua vida primitiva e emocionante vai procurar assunto para novas produções. E quer no uso total da sua majestade de reis da selva, quer tristes e nostálgicos pensionistas das parques zoológicos, os animais ferozes continuam a proporcionar-lhe excelente motivo para belas criações de arte. A força e a rudeza dos seus instintos primitivos dão-lhes todo o interesse dramático que o criador cinematográfico d'elles possa pretender. Porque



Ditros das modas dos filmes de *gangsters*, dos filmes orientais, dos filmes de mistério, chegou finalmente a moda dos filmes de animais. O cinema depois de buscar exaustivamente os seus temas nos *bas-fonds* do crime, nos ambientes exóticos ou na atmosfera terrificante das grandes aventuras, voltou-se para as feras e procura agora nas manifestações dos animais selvagens assunto para as suas obras.

Vem já de longe data esta moda com que nos regozijamos. Iniciou-a uma série de documentários em que a vida animada e misteriosa das grandes selvas nos era patenteada. Lembra-nos, ao acaso da memória, esses belos filmes que eram «No coração da África Selvagem», «O interior do continente negro», «A voz de África» e tantos outros.

Após os documentários, vieram os filmes de entrecho tendo por fundo a floresta com seus mistérios e perigos e por actores os animais ferozes que a povoam. Pertencem a essa série «Trader Horn», «Tarzan, o homem-macaco» e alguns mais que não chegaram a ser exibidos em Portugal.

O interesse que o público de todos os países claramente manifestou por esse género de espectáculos mostrou aos produtores a vantagem de utilizar no cinema as faculdades históricas das feras. As suas lutas terríveis, por exemplo, ficaram objecto do filme «Caça-los vivos», pretendo documentário da selva malaia, em que a inverosimilhança evidente de algumas cenas era suprida pelo incontestável interesse dramático dessas pugnas ferozes.

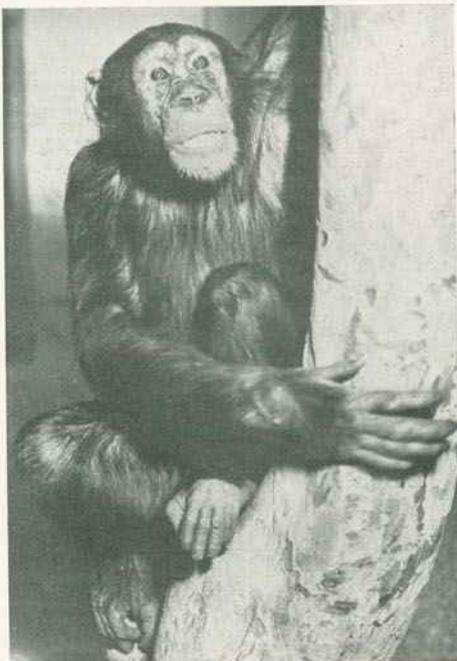
Como dissemos, só temos que nos regozijar com esse facto que veio enriquecer os domínios do cinema. De facto, as feras, com o seu poder de expressão, instintivo e portanto poderoso, podem chegar a oferecer um interesse maior

homem-leão, cai prisioneiro numa armadilha e, enjaulado, é expellido para os países civilizados de companhia com algumas feras. Transforma-se, assim numa atracção de circo. Mas consegue fugir e penetra pela janela na residência de duas raparigas que aterroriza com os seus rugidos.

O homem que dominava leões mostra-se, porém, fraco e dócil ante uma mulher. E assim esta consegue reconduzi-lo ao circo onde ele continua a exhibir-se. Durante as longas peregrinações do *menagerie*, o homem-leão vai-se insinuando, adquirindo hábitos de civilizado, e um dia decide fugir com a mulher que o domina.

Um terrível incêndio devasta, entretanto, o circo. O homem-leão esquece tudo para salvar os seus companheiros. Consegue arrancá-los ao braço do terrível. Mais tarde compra-os ao proprietário para os restituir à selva onde haviam vivido.

A ideia que presidiu



a verdade é que as feras representam uma parte da criação que o Homem esqueceu, após lutas milenares que o conduziram a supremacia. São soberanos destronados pelo implacável progresso humano, que ocultam os restos da sua grandeza nas florestas profundas onde o domínio do homem não chega.

Os limites, porém, dentro dos quais a sua soberania ainda se exerce efectivamente a despeito das carabinas e da astúcia humana, reduzem-se todos os dias. O homem penetra audaciosamente nos recessos mais íntimos da floresta e a câmara cinematográfica vai surpreender, nos mais pequenos pormenores, as manifestações de vida das espécies de animais que agonizam. Avança sobre as incógnitas eternamente geladas do Polo e revela nos a existência dos grandes cetáceos e dos ursos polares. Nos desertos, nas florestas ou nas montanhas, onde quer que a Natureza exhibe ainda alguma das suas múltiplas criações, lá está a câmara cinematográfica, símbolo da curiosidade humana, desvendando segredos, revelando maravilhas.

Está breve o dia em que tudo isso desaparecerá ante o impulso tremendo da expansão humana. Alguns séculos bastarão para tornar o nosso globo num mundo sem feras. Todas as medidas destinadas a evitá-lo, a preservar certas raças, não poderão impedir que o facto se consuma. Algumas espécies desapareceram já. Outras, mantidas em parques zoológicos, perderão a grandeza que lhes dava a supremacia e definirão no captivo mais ou menos evidente que lhes é imposto pela Humanidade opressora.

Nesse dia, o cinema será repentinamente valioso de quanto diz respeito aos animais que o Homem dominou e venceu. Será o arquivo dum mundo perdido, tal como os fósseis o são hoje da Criação prehistórica.

A indústria cinematográfica portuguesa atravessa uma fase de actividade, com que sinceramente nos regozijamos.

Como se sabe, a par da corajosa iniciativa da Tobis Portuguesa com a realização da «Canção de Lisboa», a que ainda no nosso último número nos referimos

largamente, está-se procedendo à filmagem de «Gado Bravo», louvável empreendimento do Bloco H. da Costa, que com este filme se propõe iniciar uma vasta produção no nosso país.

«Gado Bravo» revelar-nos-á todo o pitoresco do Ribatejo, cuja fotogénia está de há muito demonstrada. Conseguiram os produtores para este filme o concurso de notáveis artistas e técnicos alemães. São eles Siegfried Arno, o popular cómico e Ally Gebauer, cantora de operetas alemã. Entre os técnicos destacamos Max Nosseck, nome bastante conhecido nos meios cinematográficos estrangeiros, que se acha rodeado de bons colaboradores. Ao lado de Max Nosseck trabalha ainda António Lopes Ribeiro, sem dúvida um dos mais competentes técnicos portugueses.

Na interpretação tomam também parte os artistas portugueses Nita Brandão, Raul de Carvalho e Alvaro de Almeida.

Que este belo empreendimento seja coroado de êxito são os desejos de quantos aspiram ver criar em Portugal, uma arte de fonocinema assente em sólidas bases. — M. R.

Acaba de se formar em Hollywood uma nova companhia cinematográfica que adoptou a designação de Twentieth Century C.^o (Companhia Século xx).

A nova empresa dispõe, ao que se diz, de consideráveis capitais. Propõe-se produzir apenas doze filmes por ano, em média. Mas espera compensar a pouca quantidade com a excelência da qualidade.

A melhor prova das suas corajosas intenções está no facto de ter já contratado dois dos artistas mais reputados de Hollywood e que se achavam ligados a outras empresas. Esses artistas são George Arliss e Constance Bennett. Esta última é uma das artistas mais bem pagas na América e por aí se avalia de que género foi a proposta que os novos produtores lhe fizeram.

Após alguns meses de hesitações e estudo, Harold Lloyd acaba finalmente de escolher assunto para o seu próximo filme. Trata-se duma novela que tem no original o



CINEMA

CRÓNICA DA QUINZENA

Um filme sobre o Ribatejo

título de «As unhas do gato». É a história humorística do filho dum missionário americano que após muitos anos de permanência no Extremo Oriente, acaba de adquirir hábitos orientais, que lhe vêm a criar numerosos embaraços.

O último filme de Maurice Chevalier, «A bed time story», revelou um admirável artista de oito meses de idade. Chama-se Baby Le Roy e desempenha nessa película o importante papel de filho adoptivo de Chevalier. Escolhido entre numerosos candidatos não é de admirar que reúna todas as qualidades imagináveis para figurar ante a câmara cinematográfica. É a verdade é que o encantador bebê, rindo e chorando, conforme convém à acção do filme, conquistou, entre os que já o viram no «écran», simpatias gerais.

A «Paramount» para recompensar tão notável actor acaba de o brindar com um contrato por sete anos. Segundo este contrato, Baby Le Roy fica ganhando três libras nas semanas em que não trabalha e dez quando tiver que comparecer no estúdio.

Apesar da sua pouca idade Baby Le Roy não é o artista mais novo de Hollywood. Esse recora pertence a May Dormer que com a idade de 6 dias apenas acaba de ser contratada pela Warner e vai aparecer num filme ao lado de Lionel



EM CIMA: a famosa «Pandilha»
EM BAIXO: Por um tipo fotográfico, os mais célebres «vastrors» do cinema voltam aos tempos doces da infância

Barrymore. Uma legislação muito completa regula o trabalho destes jovens artistas, limitando a poucos minutos por dia a sua actividade artística, de modo que a sua saúde não corra qualquer perigo.

Lia de Putti, a bela e infeliz

actriz hungara de «Varietades», era casada com um aristocrata do seu país de quem teve duas filhas. Quando Lia decidiu abandonar o lar, suas filhas eram ainda muito pequenas, e o marido fez-lhes acreditar que a mãe morrera.

Pois uma dessas filhas, Judith de Szepssy, que conta hoje 18 anos, acaba de contrair matrimónio com um rico proprietário holandês, chamado Ger Grootenboer.

O facto não apresentaria interesse se não se revestisse de aspectos românticos invulgarés.

Grootenboer, de passagem há alguns anos em Hollywood, conheceu Lia de Putti e enamorou-se dela. A bela actriz não correspondeu porém a essa paixão e recusou as propostas de casamento que o holandês lhe fazia.

Certo dia, Grootenboer deparou numa revista com a fotografia da filha de Lia de Putti, duma beleza tão fascinadora como sua mãe. Escreveu a contar-lhe a sua história. E um belo dia visitou-a para a pedir em casamento. Judith mostrou-se mais acolhedora que sua mãe e é por isso que a linda hungara acaba de casar-se com o seu singular apaixonado.

Greta Garbo adquiriu recentemente em Estocolmo uma nova residência perto do local onde nasceu e onde sua mãe ainda hoje mora.

A célebre vedeta deu todas as indicações a um architecto russo para que o interior seja decorado a seu gosto. Conta ir aí repousar em abril de 1935, data em que expira o contrato que recentemente estabeleceu com a «Metro».

Al Jolson, o célebre cantor que foi a primeira «estrela» do fonocinema, volta ao cinema após uma ausência de alguns anos.

Durante este tempo, Al Jolson trabalhou no teatro onde conquistou grandes êxitos. Por diversas vezes exprimiu publicamente a sua decisão de nunca mais trabalhar para o cinema. Parece, porém, que desta vez as propostas da Warner Bros foram de tal modo sugestivas que o obrigaram a mudar de opinião.

VIDA FEMININA



MILÃO. — A entrada em Itália é sempre para mim uma alegria. É este o país em que me sinto perfeitamente bem. A sua beleza, as emoções de arte, que me proporciona, a gentileza da sua gente, fazem com que este país seja para mim uma segunda pátria. Mesmo aquela em que eu me sinto segura de mim mesma, e uma afinidade de espírito com os seus habitantes, o que nem sempre me sucede na minha própria terra e nunca nos outros países que tenho percorrido. A chegada a Milão, que eu não conhecia, maravilhou-me e a minha admiração pelo governo fascista e pela sua obra grandiosa aumentou imensamente, ao ver concluída a grande estação nova, há anos começada e que só este governo conseguiu concluir. É extraordinária de grandeza, de luxo, de requinte, é uma estação onde há tudo. Sentimo-nos invadidos logo à chegada pela impressão de estar num grande país. É hoje a mais grandiosa e luxuosa estação da Europa e até talvez do mundo,

porque nem mesmo na América creio que haja outra assim. Os italianos quando falam de Milão têm o hábito de dizer sempre: "É um pequeno Paris...". E não há comparação mais errada. Milão é uma enorme cidade, uma cidade de luxo e de trabalho, mas é uma cidade bem italiana e em nada se parece com Paris, e ainda bem que assim é, porque nada mais interessante do que a originalidade e o cunho nacional. O que é esta cidade, é o cenário da mais bela joia artística de toda a Itália. No centro da sua cidade existe como dentro da concha, a mais bela perla: o Duomo, a bela catedral gótica, a mais maravilhosa renda de mármore que eu tenho visto e são bastantes as catedrais do mesmo estilo, que eu tenho tido a felicidade de contemplar. O Duomo é grandioso e é leve. O seu exterior cheio de rendilhadas agulhas terminadas por estátuas, os seus arcos rompantes todos em renda finíssima, as suas paredes cobertas de baixo-relevos e de estátuas, consegue manter no excesso da ornamentação, uma graça leve inexplicável e inesperada. Começada a catedral em 1386, não se sabe quem foi o arquitecto, que a ideou, depois trabalharam nela inumeros artistas. Cre-se que pelo estilo tão pouco usado na Itália ela tivesse sido principiada por algum flamengo, mas depois os italianos que a acabaram deram-lhe a sua graça apaixonada e é talvez por isso que é uma das catedrais que mais me fala à alma. Na sua grandiosidade não há frieza, palpita a vida e o sentimento. Confesso que o Duomo se apoderou de mim num "Coup de foudre", e que não consigo estar muitas horas em Milão sem o ir ver. A sua porta de bronze é trabalhada com a maior delicadeza. Os mistérios do rosário estão nela representados em figuras e grupos deliciosos, sendo os mais encantadores

os dolorosos. No meio de cada porta está um medalhão, a virgem com o menino, na outra a Mãe com o filho morto nos braços, e no alto do grande portal, Nossa Senhora rodeada de anjos no céu. Só esta porta é uma obra de arte de deslumbrar aqueles que sabem sentir o belo. Como me tem acontecido em muitas catedrais, em que o interno não corresponde ao externo entrei esperando uma desilusão. A minha comoção foi enorme. É tão belo o interior como o exterior ou talvez mais. A impressão religiosa que me esmagou foi profunda. Era domingo à hora da grande missa oficiada pelo arcebispo de Milão e ao fundo das colunas de mármore erguidas como um bosque de sonho, desenrolava-se a procissão do Santissimo Sacramento, com o arcebispo e o cabido em trajes de cerimónia. Sédas vermelhas, rendas, mitra de pedrarias e os poderosos orções enchiam as suntuosas naves de sons deliciosos da mais bela música sacra. Fui feliz na hora em que entrei e senti nesse momento a mais profunda comoção de Arte que me tem sacudido. Compreendi que é necessária à religião a suntuosidade. O interno do templo é maravilhoso do pavimento, todo num mosaico dos mais belos mármore, as volutas que terminam as colunas e que formam o teto e que são todas rendadas no mais minucioso trabalho. Os bronzes, os mármore, as estátuas decoram os seus altares, cobrem as suas paredes numa profusão de riqueza mas sem peso. O altar-mór é uma maravilha. O côro é deslumbrante. Os púlpitos em bronze trabalhado, são indescritíveis e tudo isto iluminado pelos mais soberbos vitrais, que tenho visto. Ricos em cor, maravilhosos de desenho, são um verdadeiro assombro.

O sol deslumbrante que os banha causava efeitos únicos, de luz sobre os mármore, e os bronzes que palpi-



tavam de vida. É o mais grandioso templo que eu tenho visto e aquele em que mais se sente a presença de Deus. É um templo religioso, o que já não sucede com S. Pedro de Roma, que é bellissimo, mas muito mundano. O Duomo é a casa de Deus. Mas não quero fatigar mais as minhas leitoras, com o meu entusiasmo artístico pelo Duomo e vou falar-lhes de uma outra

maravilha que Milão possui. O Castelo Medieval dos Sforza. No belo parque de Milão. Cheio de interesse histórico é um castelo muito bem conservado e que nos diz a grandeza dos Sforza senhores de Milão. Nas suas salas, existe um belo museu de mobiliário e quadros, tendo obras encantadoras de Procabbino, Panfilio, uns esplêndidos retratos de Rigaud, artista francês. Alguns Rembrand e Grenze. Belos quadros de Ziapalo e de Canaletto e um lindo quadro de Corregio. O pátio Ducal é grandioso e o fôso e pontes levadiças fazem-nos pensar nos assaltos e lutas que estas paredes sofreram e viram. Há também umas salas com um museu Napoleónico muito interessante, onde está o leito de campanha de Napoleão que me comoveu, ao pensar nas noites de preocupação que esse homem assombroso do princípio do século XIX ali deve ter passado. Para terminar, minhas senhoras, dir-lhes-ei que Milão é uma cidade cheia de esplêndidas lojas, onde se vêem as últimas modas de Paris e por preços baratíssimos que me deixam assombrada ao pensar nos nossos preços. Sapatos esplêndidos a 89 liras, pouco mais de quarenta escudos! A vida aqui vê-se que é fácil e larga e é uma cidade que trabalha loucamente. É a cidade de maior actividade de toda a Itália e de um formidável movimento nas suas ruas, movimento que se prolonga até muito tarde. Depois da meia noite ainda os cafés da Galeria Vítor Manuel estão cheios de gente. E se algum homem me lê também lhe digo que as mulheres de Milão têm lindas

figuras, altas e esbeltas e são muito bonitas.

Maria de Eça.

A moda

A moda traz-nos este verão uma infinita variedade, do mais simples ao mais complicado tudo se usa e tudo é elegante, desde o momento que seja bem feito e que tenha aquilo a que os franceses chamam «chic» e que é tudo no vestuário da mulher. Damos um gracioso modelo em «taffetás» de quadradinhos pretos e brancos. É muito original o corte deste vestido, muito cingido nas ancas, abre em baixo, num movimento de imensa roda, que é sublinhado por duas barras de «taffetás» branco. O cinto na mesma seda, é rematado por uma flor do mesmo tecido. As mangas de balão são graciosíssimas e



guarnecidas igualmente por tiras brancas, como a saia. Nas costas tem também, uma guarnição em «taffetas» branco. É para notar a fita que guarnece a cabeça. Com os caracóis voltam as fitas a aparecer. É como um tímido ensaio, para o regresso à moda, das cabeças guarnecidas a fita, moda que teve grande voga e aceitação, há mais de 20 anos. Mas temos de nos convencer que a moda renova-se e continuamente nos reaparece. Outro lindo modelo é o vestido em «crêpe imprimé» às barras, azul escuro guarnecido a desenhos brancos. É da maior simplicidade e a sua única guarnição, é o próprio desenho do vestido. Completa a «toilette» um casaco em fazenda de lã azul escura, forrado com a mesma seda do vestido e formando nas bandas uma linda guarnição. O chapéu em palha branca muito fina é enfeitado a fita de «gras grain» azul escura.

Para o género simples, vestido de manhã, em praia ou campo continua a triunfar o vestido simples em «crêpe de Chine» ou «toile de soie» lavável. Damos um elegantíssimo modelo desse género em «toile» branca. Da maior simplicidade a sua graça está na abotoadura que forma um triângulo, com três lindos botões em madreperla. As mangas muito curtas são guarnecidas com uma graciosa franja. É uma «toilette» elegantíssima na sua extrema singeleza. No mesmo género de vestidos damos um «tailleur» em sarja branca, da clássica forma do «tailleur». Por dentro uma «chandaille» branca com largas barras de côr. O chapéu em «piqué» branco pespontado. O outro vestido que o acompanha é um «lainage» branco e preto às riscas. É o verdadeiro tipo do vestido de desporto. Cortado de forma a que as riscas formem em tôdas as costuras espinha, é esta, a sua única guarnição. Completa-o um largo cinto em polimento vermelho e um «béret» da mesma côr. Para Casino e para a tarde damos dois graciosos modelos do mais lindo efeito. Um deles em «crêpe satin» preto, (damos às nossas leitoras a grata novidade, de que o «crêpe satin» esse tecido ideal porque é bonito e duradouro, volta a estar muito em moda) é guarnecido a «georgette» branco. O corte do vestido muito cingido e com uma ligeira roda em baixo favorece muito uma esbelta «silhouette». O corpo dum corte desigual e de grande originalidade, forma como que um colete donde saem, a parte de cima do corpo e as mangas em «georgette» branco. Tem uma graciosa gola dupla que abotôa com um grande botão. As mangas são em balões de «georgette» O chapéu em seda branca.

O vestido que o acompanha é em seda azul escura dentro tem uma guarnição que faz «corsage» em folhinhos de renda crême. As mangas dum gracioso feitio são terminadas por canhões altos em rendinhas. O chapéu todo em fitas de «gros grain» azul escuro, tem uma graciosa forma, que tem um aspecto novo. Mas a elegância não está só nos vestidos, está também na graça e na elegância de quem os usa e por isso, naturalmente, estes vestidos ficarão bem às senhoras, que os usarem!

Trabalhos femininos

Os nossos trabalhos, ocupam-nos por toda a parte e temos sempre que aproveitar as horas, que nos sobram dos afazeres. Em vilegiatura mais do que nunca temos ocasião de nos dedicar a este género de trabalhos. Damos hoje duas almofadas, essa cómoda guarnição das casas, e que tanta utilidade tem, na casa de inverno como na casa de verão, onde os «divans» ou as perguiceiras de vime nos convidam a um

agradável repouso. Uma dessas almofadas é feita de folhos de fita e terminada por uma flor em feltro. A outra é de linho crême bordada a sedas. Passam-se uns poucos de fios de seda formando quadrados e no centro deles, borde-se uma florinha em variadas cores. É fácil de fazer e tem o gracioso aspecto de frescura que convida a descansar nela, sendo ao mesmo tempo duma decoração encantadora.

Flores

FORMOU-SE em Paris uma sociedade dos amigos das flores, que atrai as almas românticas. Os membros desta sociedade, têm o particular de se



não conhecer uns aos outros, mas queimam o mesmo incenso no mesmo altar. Reconhecem-se pelo perfume. Como sinal de reconhecimento trazem ao peito um raminho de flores. Parece que voltamos um século atrás, quando em 1831 sob a égide da poetisa Rosine Desbordes-Valmore se fundou uma sociedade semelhante. Muitas senhoras elegantes, repousavam o seu espírito e o seu coração, colhendo as suas efêmeras irmãs. Fechavam as flores na clássica caixa de ferro e depois de estampadas, colocavam-nas com mil cuidados em papel mata-borrão. Muito tempo depois uma corola murcha evocava um dia radioso. As crianças de então gabavam-se de

fazer este trabalho, tão bem, que as flores estampadas, pareciam uma aguarela. As minhas flores — diziam as sentimentais — não morrem nunca, porque têm o seu lugar na gaveta onde tenho as mais queridas coisas. E repetiam os versos da balada alemã. «O encanto das flores e das crianças é ignorarem ambas quanto são graciosas». Talvez que o culto da flôr traga às almas um pouco de poesia tão desaparecida.

De mulher para mulher

Inconsolável: Por amor de Deus, minha senhora, não diga que está inconsolável, por ter de passar um mês numa linda quinta. Entretenha o seu espírito com boa leitura, faça obras de caridade em volta de si, estude música visto ter piano na sua casa e creia que seus pais têm razão de estar desconsolados de a verem assim, porque dá a impressão duma futilidade de espírito, que é triste.

Horlênsia azul: Olhe que se arrisca muito a montar assim, sem nada saber, a equitação é uma arte difícil, e, que é necessário conhecer. Seu marido tem razão em se inquietar e nisso só demonstra uma carinhosa solicitude.

Violeta: Deixe o pequenino andar à sua vontade e não o mortifique na praia com «toilettes» um maillotsinho e está vestido. É a época da liberdade, que tão bem faz às crianças.

Graciosa: Se tem medo consulte o seu médico. O «tênis» é na verdade um exercício muito violento, que não convém às pessoas muito fracas. Tenha sempre prudência, porque para si é que é a vantagem.

A roupa de baixo

ANTIGAMENTE chamavamos-lhe a roupa branca, hoje não é possível fazê-lo visto que a moda é a roupa de côr. A de uso constante deve ser, antes de tudo sólida como manda a boa economia. Tecidos e guarnições devem ser cuidadosamente escolhidas. O «voile» de algodão é muito sólido e agradável ao uso, mas a sua transparência torna difícil o seu emprego. Para combinações o melhor é a «toile de soie» porque faz cair melhor os vestidos que os tecidos de algodão ou de linho. Em vez das rendas largas, mais ou menos frágeis, empreguem as rendas estreitas de bilros, de «crochet» ou de valencianas, resistem melhor às lavagens repetidas. As camisas de noite têm um grande «charme» nos seus modernos feitios. A grande novidade é o cinto ajustado na cintura, que lhes dá o ar de vestidos de andar por casa, que tem como elas uma forma ajustada ao corpo. O corte em forma, as costuras enviadas afastam em baixo a saia das combinações, que devem ser muito justas no corpo e nas ancas, porque as combinações devem agora reflectir o movimento dos vestidos para que elles possam cair bem.

Madame de Pompadour e a lenda

Um colaborador do «Petit Parisien» junta num estudo muitos documentos sobre Madame de Pompadour, sobre o seu castelo, a floresta e todos os seus arredores e destroe uma lenda revelando com provas na mão, que a favorita de Luís XV nunca foi a Pompadour. É uma lenda inventada por um romancista. Para chegar àquela aldeia, não havia sequer estradas transitáveis. As grandes senhoras de então só viajavam em liteira, ou cadeirinha. Para fazer 500 quilómetros

que separam Paris de Pompadour, ou Versailles de Pompadour, eram necessárias três semanas com a perspectiva de habitar um castelo abandonado há um século, que nunca tinha tido o mais ligeiro conforto, que começava nessa época de requinte a ser apreciado, num sítio absolutamente desprovido de qualquer facilidade para a alimentação e manutenção, dum séquito como deveria ser o que acompanharia a marquesa e sem a mais pequena distração que pudesse entreter os fúteis espíritos da época. Como imaginar que o rei tão apaixonado pela marquesa, que não podia passar dois dias sem a ver, lhe permitisse uma tão longa ausência e uma tão grande fadiga? E como pensar que aquela mulher da corte, se afastasse assim do rei, do qual tinha sempre medo de perder o amor, ela sempre tão ciumenta, tão inquieta, tão vigilante. Portanto não se pôde nunca tratar da aldeia de Pompadour no Limousin, mas sim de Choisy-le-Roi, onde Luís XV tinha feito construir um castelo com um parque ao qual tinha dado o nome de Pompadour. Todo um bairro de Choisy, tem, nome de Pompadour. Este castelo comprou o rei ao príncipe de Conti, herdeiro por testamento da marquesa de Pompadour. E assim pôde dar à sua amante o documento que lhe conferia o título de marquesa de Pompadour. Deu-lhe ainda outros grandes domínios, castelos, e, o palácio de Evreux em Paris. Ali ela gastou somas enormes alindando-o. Esse palácio é hoje o Eliseu, residência do presidente da República e um dos mais bonitos palácios de Paris, que conserva o seu grande ar.

Uma opinião de mulher

HÁ em Paris uma mulher editora e livreira. A casa é muito importante. Quando se lhe pergunta o que faz para se tornar assim, responde invariavelmente. «Aprendi o meu ofício durante 15 anos. Ninguém se improvisa livreiro e muito menos editor». De facto o Larousse diz que um bom livreiro deve conhecer as edições mais importantes do seu país e das outras nações. Tem no estabelecimento uma escolha de livros o mais completo possível, nos diversos ramos em que se ocupa, e está ao corrente das publicações mais recentes. Esta mulher está ao facto dos acontecimentos, que podem ter influência na venda dos livros, como exposições, prémios literários, a entrada dum escritor de fama, na Academia. Ela é de opinião que os livreiros devem ter uma noção técnica do livro: composição, impressão, formato, ilustração, encadernação, e além disso uma certa ilustração e erudição que lhe permita pôr-se à altura da clientela em geral composta de pessoas eruditas ou mesmo apenas instruídas como são em geral os amadores de bons livros, os coleccionadores, os professores e os estudantes, que são sempre grandes frequentadores das livrarias pelo menos em Paris.

Para ser editor é preciso possuir as mesmas qualidades, mas ainda aumentadas e reforçadas de conhecimentos técnicos, mais profundos e extensos, do que os que deve ter um bom livreiro.

Assim e com muita razão, pensa esta editora e afirma que os seus quinze anos de trabalho sempre no mesmo caminho, não foram demais para a conduzir ao fim a que queria chegar. Ela conhece a fundo a arte tipográfica e dirigiu alguns anos, uma grande casa editora de Paris Diz ela que é esta uma profissão, que se deve recomendar às raparigas, mas que venham para ela com a convicção de que nela não há meias medidas e que se trata dum modo de vida muito interessante, mas muito absorvente e que apaixona de tal maneira, que quem a êle se dedica tem de consagrar-se inteiramente à sua profissão. Aqui fica a autorizada opinião que poderá talvez ser aproveitada pelas nossas compatriotas.

Salões

HÁ agora salas, mas já não há salões. Já não estamos no tempo em que uma senhora congregava à sua volta, toda uma geração dispensando amabilidades e sorrisos. Uma destas foi Madame Récamier, beleza casada com um velho e que nunca teve um amante. Foram seus dedicados amigos os dois Montmorency e Luciano Bonaparte. Ela soube envelhecer substituindo as graças da juventude, com os atractivos da idade madura. Casada realizava o ideal de viver sem amante e sem que se falasse de seu marido. Em 1880, ocupava-se de legitimismo e com Chateaubriand preparava as eleições para a Academia, passatempo, que alternava com o bordado, no qual era exímia. Outro salão que no seu tempo, teve celebração foi o de Madame de Staël. Mas era feia, muito penetrada da sua superioridade, que era real, porque era muito inteligente e fazia uma política an-

tipática, imprópria duma senhora. Outra rainha de salão foi Madame Geoffrin, uma burguesa que teve mais sucesso, que as damas da aristocracia de França e da Inglaterra. Nos tempos da juventude de Disraeli lady Sheridan reunia à sua volta toda Londres, e, a sua beleza era apenas ultrapassada pela das suas três filhas. Uma senhora que tem um salão não pode fazer outra coisa e já tem bastante com que se entreter. É preciso entender de política, de literatura e de amor o bastante para fazer andar a cabeça à roda, sem chegar ao escândalo. Atrair pessoas ilustres conquistá-las, enfim criar um salão o que é hoje mais difícil do que nunca.

Actividade feminina

A «Obra feminina do Trabalho» de Berlim realizou de colaboração com outras importantes associações congêneres, em Dresde, uma exposição sobre a

«Mulher de hoje». Mediante uma rica documentação gráfica e fotográfica, foi demonstrada ao público, a variada actividade da mulher moderna, em casa e fora, como dona de casa e como profissionalista, no campo artístico, científico e social. Fizeram-se conferências livres onde se puderam trocar impressões sobre ideias próprias, nos problemas que de mais perto tocam a vida da mulher. Muitas dessas actividades caseiras e profissionais, tinham a mais eficaz das ilustrações, que se podia desejar; via-se a mulher no tear, na sala de costura, na cozinha e no escritório. Nesta época de crise económica é mais importante do que nunca um sensato governo de casa. Este pensamento sugeriu às organizadoras, fazer ver, os numerosos problemas da vida quotidiana, pequenos na aparência, mas na realidade enormes, porque estão sempre presentes. O ciclo de conferências sobre este assunto caseiro era eficazmente auxiliado por projecções de «filmes».

Pensamentos

Se gostamos da imitação do verdadeiro, porque não procurar a simples e pura verdade?

São odiosos os pensamentos do vulgo.

A discussão é muitas vezes um grande auxiliar, sem ela o aborrecimento tolhia-nos.

A lisonja agrada e poucos são os espíritos que lhe sabem escapar.

Todos acreditam aquilo que temem ou o que desejam.

LA FONTAINE.



ÚLTIMA NOVIDADE LITERÁRIA

O livro duma das mais distintas
— escritoras portuguesas —

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00
encadernado 14\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
L I S B O A

SOCORRO — A leitura gratis da sua vida!

O professor Astral (que pratica desde 1902) dá conselhos sobre negócios, casamentos, saúde e assuntos de família — Oíça o que diz a Sr.^a Niobe, o médium bastante conhecido e a vidente mais célebre do mundo.



Sr.^a Niobe

«Apesar de me ter dedicado toda a vida a assuntos psicológicos e místicos, estive a ponto de trocar de que éle dizia, pois tudo me parecia extraordinário. Porém . . . depressa me convenci; os factos davam-lhe razão. Não vacille, pois; confie-lhe os seus mais íntimos assuntos; peça-lhe o auxílio em todas as dificuldades da sua vida; tenha a certeza de que éle lhe dará um conselho que o guiará e que resolverá todos os problemas que o preocupam.

Envie-lhe o seu nome e apelido, a direcção e a data do nascimento, tudo escrito com clareza; junte esc. 1\$60 em selos para a resposta, e receberá grátis o seu horoscopo.

Não se esqueça! Só ha um ASTRAL!
MAISON ASTRAL. Dép. 1101
41, Rue de Joncker, 41 — BRUXELAS

O MESTRE POPULAR
OU
O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.^a EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

ÊXITO FORMIDÁVEL

Um livro que interessa a todos

Arte de enriquecer

Tradução de AGOSTINHO FORTES

Um livro que pode dar um modo de vida
ou preparar a fortuna

2.^a edição, 276 págs., br. 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.^a edição

A N T E U

POEMA DRAMÁTICO

— POR —

JOÃO DE BARROS

1 volume brochado 8\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de sair

A 4.^a EDIÇÃO

Terras do Demo

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 332 págs., brochado . . . 12\$00

Encadernado 16\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LSBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLECÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMESTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COURO E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NODOS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' VENDA A 3.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«TOLEDO é um livro que se lê de-pressa e se relê de-vagar.»

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado 10\$00
encadernado 14\$00



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

A' venda a 3.^a edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado 12\$00
Encadernado 16\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA



1 volume encad. com 351 pág.

25\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar



1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00

Enc. 15\$00



A' venda em todas as livrarias



Pedidos à

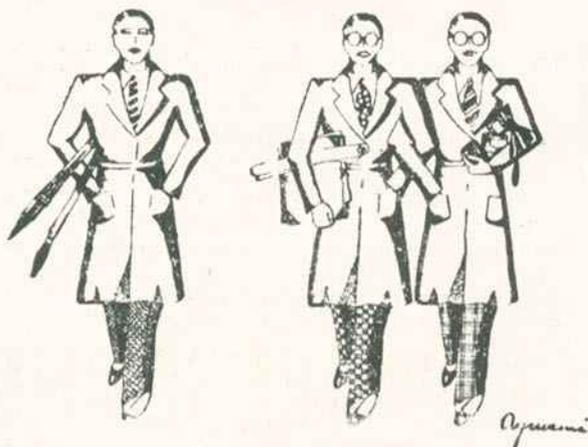
S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80

LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1308

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em todas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

R. Garrett, 73, 75 - LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquínista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

A' venda em todas
as boas livrarias

A 7.ª EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

1 volume de 375 páginas { brochado 12\$00
encadernado. 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O genial romance de guerra

Os Grilhetas do Kaiser

por THEODORE PLIVIER

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha da Jutlandia** e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broc. com 260 págs. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca

1 vol. de 264 pags., br. 8\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas { brochado 10\$00
encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Formidável éxito livreiro!

A novela anti-clerical

A Amante do Cardeal

por BENITO MUSSOLINI

Chefe do fascismo italiano e signatário do TRATADO DO LATRÃO — Uma pintura empolgante da decadência moral da Igreja Católica no Renascimento

1 vol. de 222 págs., broch. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, R. Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado. 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

| | |
|---|--------|
| ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| — (1.ª edição), 1 vol. br. | 15\$00 |
| AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. | 12\$00 |
| AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. | 9\$00 |
| ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| DIÁLOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. | 1\$50 |
| ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. | 12\$00 |
| EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. | 9\$00 |
| HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. | 1\$50 |
| ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |

POESIA

| | |
|---|-------|
| NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. | 4\$00 |

TEATRO

| | |
|---|-------|
| AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| CASTRO (A) — (2.ª edição), br. | 3\$00 |
| CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| D. RAMÓN DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| 1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. | 4\$00 |
| PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. | 4\$00 |
| PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. | 9\$00 |
| ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. | 5\$00 |
| SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século xviii. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sélos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 54 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Dormir

Um sono calmo e reparador é o principal factor para a beleza e a saúde.

Nessas horas de repouso, os olhos recuperam o brilho e o corpo fatigado recupera a força.

Os nervos exaustos são acalmados e restaurados e novas energias são creadas, para o trabalho do dia seguinte

O sono torna-se calmo e natural bebendo antes de se deitar uma chavena da deliciosa OVOMALTINE. Não ha nenhuma bebida alimentar de mais facil digestão ou rica em qualidades nutritivas e restauradoras do cerebro, nervos e corpo.

OVOMALTINE

E A SAÚDE

A venda em todas as farmacias, drogarías e boas mercearias; em latas de 110, 250 e 500 grs, aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

DR. A. WANDER, S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS 41 2.ª - LISBOA